

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
RELAÇÕES PÚBLICAS

JOSÉ CAMILO NUNES NETO

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO CHORINHO NA MÍDIA:
DESOCUPAÇÃO E VIOLÊNCIA NOS ESPAÇOS PÚBLICOS**

Goiânia
2019

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE
GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEG nº 1204/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG):

Nome completo do autor: João Camilo Nunes Neto

Título do trabalho: Representações sociais do chorinho na mídia; desocupação e violência nos espaços públicos

2. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM [] NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital (PDF) do TCCG.

João Camilo Nunes Neto

(Nome do completo dos autores)²

Ciente e de acordo:

Armando Loução de Castro
(Nome completo do orientador)²

Data: 04 / 12 / 2019

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² As assinaturas devem ser originais sendo assinadas no próprio documento, imagens coladas não serão aceitas.

JOSÉ CAMILO NUNES NETO

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO CHORINHO NA MÍDIA:
DESOCUPAÇÃO E VIOLÊNCIA NOS ESPAÇOS PÚBLICOS**

Monografia apresentada ao Curso de Relações Públicas da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás como requisito para a obtenção do diploma de bacharel em Relações Públicas.

Orientadora: Gardene Leão de Castro

Goiânia

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

NUNES, José Camilo

Representações sociais do Chorinho na mídia [manuscrito] :
desocupação e violência nos espaços públicos / José Camilo Nunes. -
2019.

69, f.: il.

Orientador: Prof. Castro Gardene Leão.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação (FIC),
Relações Públicas, Goiânia, 2019.

Bibliografia.

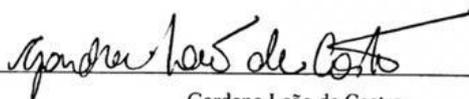
Inclui mapas, lista de figuras.

1. Chorinho. 2. Violência urbana. 3. Mídia. 4. Espaços Públicos. 5.
Representações sociais. I. Gardene, Castro, orient. II. Título.

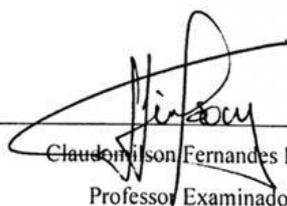
JOSÉ CAMILO NUNES NETO

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO CHORINHO NA MÍDIA:
DESOCUPAÇÃO E VIOLÊNCIA NOS ESPAÇOS PÚBLICOS**

Monografia apresentada como requisito para a obtenção de título de bacharel em Relações Públicas pela Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, aprovado em 04 de dezembro de 2019, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:



Gardene Leão de Castro
Professora Orientadora



Claudemilson Fernandes Braga
Professor Examinador

GOIÂNIA
2019

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, Maria José, por me oferecer a oportunidade de chegar a fazer esse trabalho e me apoiar incondicionalmente. Aos meus amigos, pela força e apoio nos momentos em que precisei. Agradeço também a minha orientadora, Gardene, pelo incentivo e apoio a minha pesquisa. A todos vocês, muito obrigado por tudo.

Ainda vão me matar numa rua.
Quando descobrirem,
principalmente,
que faço parte dessa gente
que pensa que a rua
é a parte principal da cidade."

Leminski; Toda Poesia - [quarenta clics em Curitiba; 1976]

RESUMO

Este trabalho visa pesquisar a representação social do Chorinho, evento cultural e gratuito que acontece no centro de Goiânia, na versão digital do jornal O Popular, segundo jornal de maior circulação do estado de Goiás. Através dessa análise, pretende-se entender a relação entre o discurso desses veículos de comunicação, o aumento da violência e desocupação do espaço. A pesquisa analisará as matérias entre janeiro e dezembro de 2018 para entender a representação social da festa.

É perceptível pela quantidade de notícias que o Chorinho aparece com maior frequência nas mídias quando há algum acontecimento violento. Além disso, as discussões sobre o aumento da violência no Chorinho são rasas e, por vezes, não levam em consideração diversos fatores políticos e culturais que estão envolvidos no tema.

Através da análise de representações sociais do evento na mídia ficou claro a participação da grande mídia no processo de criação de um imaginário de violência do local. Além disso, nota-se que há pouco interesse e investimento da mesma em divulgar e explorar as potencialidades de um espaço de lazer público como o do evento, ao contrário dos acontecimentos violentos, que são explorados e divulgados com afinco.

Sendo assim, por mais que a mídia noticie os acontecimentos como se fossem neutros, há um filtro do que é divulgado e, portanto, a escolha de certas notícias em detrimento de outras deixa claro a falta de interesse em explorar e divulgar espaços como o Chorinho, além da participação no aumento da violência e desocupação desses espaços.

Palavras-chave: Chorinho. Violência urbana. Mídia. Espaços Públicos. Representações Sociais.

ABSTRACT

This paper aims to research the social representation of Chorinho, a free cultural event that takes place in the center of Goiânia, in the digital version of the newspaper O Popular, the second largest newspaper in the state of Goiás. Through this analysis, we intend to understand the relationship between the discourse of these vehicles of communication, the increase of violence and vacancy of space. The research will analyze the stories between January and December 2018 to understand the social representation of the party.

It is noticeable by the amount of news that Chorinho appears most often in the media when there is a violent event. In addition, discussions about increased violence in Chorinho are shallow and sometimes do not take into account various political and cultural factors that are involved in the topic.

Through the analysis of social representations of the event in the media it was clear the participation of the mainstream media in the process of creating an imaginary of local violence. In addition, it is noted that there is little interest and investment in publicizing and exploiting the potential of a public leisure space such as the event, unlike violent events, which are explored and disseminated very hard.

Therefore, as much as the media reports events as neutral, there is a filter of what is disclosed and, therefore, the choice of certain news over others makes clear the lack of interest in exploring and publicizing spaces like Chorinho, besides the participation in the increase of violence and vacancy of these spaces.

Keywords: Chorinho. Urban violence. Media. Public spaces. Social Representations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Tipologia socioespacial de Goiânia nos anos 2000.....	21
Figura 2: Matéria de divulgação 1.....	42
Figura 3: Matéria de divulgação 2.....	43
Figura 4: Matéria de divulgação 3.....	44
Figura 5: Matéria sem foco no Chorinho.....	46
Figura 6: Matéria sem foco no evento – Debate político.....	48
Figura 7: Matérias sem foco no evento 3.....	48
Figura 8: Matéria acontecimento violento.....	50
Figura 9: Matéria acontecimento violento 2.....	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
2 VIOLÊNCIA URBANA E INSEGURANÇA.....	14
2.1 Violência urbana, medo e insegurança	16
2.2 Muros, segregação e isolamento.....	19
2.3 Violência, segregação e insegurança em Goiânia.....	21
3 ESPAÇOS PÚBLICO, LAZER PRIVADO E MÍDIA.....	26
3.1 Um espaço de lazer público em Goiânia: o Chorinho.....	30
4 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	31
4.1 Representações sociais e a mídia	32
5 METODOLOGIA.....	35
5.1 As fontes e o tratamento dos dados	36
5.2 Matérias de divulgação direcionadas.....	37
5.3 Matérias sem foco no evento.....	39
5.4 Matérias dos acontecimentos violentos.....	43
5.5 Observações gerais sobre as matérias	48
6 Grupos focais.....	51
6.1 Matéria de divulgação.....	52
6.2 Matérias sobre acontecimento violento.....	54
6.3 Matérias que citam o Chorinho, mas sem foco no evento.....	59
6.4 Matérias mais chamativas.....	61
7 Considerações finais	63
Referências	66

1 INTRODUÇÃO

O Grande Hotel Vive o chorinho, mais conhecido como Chorinho, é um dos meus eventos favoritos em Goiânia por diversos fatores, como a facilidade de acesso por acontecer no centro da cidade, gratuidade e público diverso. Percebi que nada via sobre ele na mídia até que ocorresse algum ato de violência no local. Além disso, após a veiculação desses acontecimentos, a próxima edição se torna vazia e mais perigosa. Sendo assim, como estudante de comunicação, comecei a me incomodar a participação dos meios de comunicação no processo de desocupação e aumento da violência em um dos poucos eventos gratuitos e acessíveis da cidade.

É precisamente esse o objetivo do trabalho: entender como a mídia cria um imaginário de local perigoso em torno do evento e como esse imaginário contribui ativamente para o processo de desocupação e insegurança nesses espaços. O modo como as representações afetam a realidade comum são conhecidos por Moscovici, como visto no trecho seguinte:

Há numerosas ciências que estudam a maneira como as pessoas tratam, distribuem e representam o conhecimento. Mas o estudo de como, e porque, as pessoas partilham o conhecimento e desse modo constituem sua realidade comum, de como eles transformam idéias em prática - numa palavra, o poder das idéias - é o problema específico da psicologia social. (MOSCOVICI, 2007, p.8)

O autor entende as representações sociais como um conjunto de ideias e práticas que organiza a forma como as pessoas relacionam-se e comportam-se. Nesse sentido, é a partir das mesmas que a comunicação se torna possível. Sendo assim, elas influenciam diretamente o relacionamento e entendimento dos diversos grupos sociais.

Esse trabalho vai partir das representações sociais, teoria criada por Moscovici e a sua metodologia, para analisar a participação das mídias de massa, especificamente do Jornal O Popular, na construção desse conhecimento compartilhado sobre o evento.

O veículo escolhido para análise, o Jornal O popular, é o segundo de maior tiragem no estado de Goiás. Além disso, o público do mesmo se encaixa no perfil proposto pelo chorinho, o de ser um evento gratuito e acessível para todas as idades; portanto, nada melhor do que analisar esse veículo de comunicação para entender o imaginário que eles têm sobre o evento.

O tema de estudo proposto contribui para a área da comunicação, já que é necessário entender a participação da mesma no processo de ocupação e desocupação dos espaços, aumento da violência e criação das representações sociais. Através desses estudos, pode-se pensar em maneiras alternativas de como a grande mídia pode contribuir para o crescimento e aumento da segurança dos eventos que acontecem em espaços públicos.

O trabalho começa explorando os conceitos gerais que serão estudados: violência urbana, segurança pública, mídia e representações sociais. Busca-se primeiro entender o que é cada um desses conceitos, para depois entender a relação entre mídia e os mesmos. O levantamento das matérias veiculadas com relação ao chorinho vem em seguida, pontuando os traços comuns entre elas sobre o evento. A análise dessas informações é comparada no final do trabalho com a pesquisa feita com dois grupos focais, de pessoas que já foram e que nunca foram ao evento.

2 VIOLÊNCIA URBANA E INSEGURANÇA

Entender a violência é importante para compreender o funcionamento dos grandes centros urbanos. Esses locais giram em torno da violência, como pode ser observado nos jornais que divulgam constantemente acontecimentos violentos, das propagandas de artefatos que garantem a segurança ou de políticos que se elegem com discursos contra a violência. Dessa forma, o que se pretende dizer com girar em torno da violência, não significa necessariamente que sejam locais violentos, mas que o discurso da violência faz parte dos diversos âmbitos da vida das pessoas, como político, lazer e muitos outros.

O que se percebe é uma sociedade com maior sensação de insegurança, constantemente alimentada pelo medo. Dessa forma, as pessoas se sentem cada vez mais inseguras, procuram cada vez mais a segurança privada e recuam da vida pública o máximo possível.

Compreender a violência é, portanto, aspecto fundamental para entender a vida nos grandes centros urbanos. Ao analisar as pesquisas sobre violência, é notável que existem inúmeras descrições para a mesma. Essas definições sugerem diferentes âmbitos: psicológica, física e moral. (BOURDIEU, 2003; ADORNO, 2002). Micheud (2001) concorda com a dificuldade em se definir um conceito único, mas propõe:

há violência quando, numa situação de interação um ou vários autores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, moral, em suas posses simbólicas e culturais. (p.10 e p.11)

O autor percebe nessa definição a existência dos diferentes tipos de violência, ou seja, já percebe a natureza multifacetada da mesma. Sendo assim, ele já compreende a violência em diversas formas, não somente como agressão física. Porto (2002) entende o conceito do autor como de natureza operacional e pontua que “não chega a ser totalmente isento de ambiguidades, sendo a primeira delas a imprecisão sobre a intencionalidade ou não do agente”. Ou seja, ainda que essa definição já dê conta de pontos importantes, como visto anteriormente, ela ainda deixa alguns pontos imprecisos, como a intencionalidade do sujeito em cometer o ato de violência. Mesmo com essa ressalva, a autora observa ainda que, embora tenha ressalvas, esse conceito permite a análise a partir do ponto de vista histórico-cultural, já que leva em conta as dimensões materiais e simbólicas da violência. Nesse sentido, o que se percebe é a necessidade de entender a violência analisando o contexto da sociedade, da

época e outros fatores que possam modificar a compreensão da mesma no ambiente onde estão inseridas.

Misse (1999) afirma que se deve falar em violências, já que é um conceito polissêmico e suas raízes são múltiplas. Sendo assim, a proposta do autor é entender as violências de forma a levar em conta as características individuais. Porto (2010) concorda e explica que o motivo desse caráter polissêmico e múltiplo é porque deve-se “considerar que aquilo que, em um dado momento, numa dada sociedade, é considerado violência varia segundo a natureza da sociedade considerada” (PORTO, 2002). Um exemplo dessa característica mutável da violência é, por exemplo, uma sociedade na qual só quem tem acesso à educação é quem pode pagar por ela. Se olharmos pela ótica de uma sociedade que concorde que isso não é dever do estado, então não podemos chamar de violência. Já se olharmos pelo ponto de vista contrário, então é conceituado como uma forma de violência simbólica. Por violência simbólica Bourdieu considera:

[...] violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento [...] (BOURDIEU, 2003,p.7 -8).

Nesse sentido, a violência simbólica é, então, uma forma de violência que não faz uso da força, mas que não afeta menos por isso. É precisamente pela falta de uso da força é menos reconhecível. Ao considerarmos a grande mídia, por exemplo, que o autor considera uma das detentoras do poder de usar a violência simbólica, a mesma consegue fazer uma censura invisível já que, quando divulga um conteúdo em detrimento de outro que afeta a vida da sociedade, então está escolhendo o que pode ou não ser visto pelas pessoas. Sendo assim, esse conteúdo influencia na informação e conhecimento e é, portanto, a grande mídia fazendo uso do poder simbólico que possui.

Wieviorka (2006) compreende que as abordagens clássicas da violência, embora tenham um papel importante para análise, devem ser repensadas, colocando-se a noção de sujeito. Nesse sentido, o autor compreende que o sujeito que pratica a violência é, também, um sujeito fruto da própria violência. Nas palavras do autor, "a violência é, frequentemente, ao menos em parte ou na origem, a marca de um sujeito contrariado, interdito, impossível ou infeliz". O autor compreende que um sujeito frustrado, privado dos acessos a bens materiais, culturais e outros, pode vir, portanto, a praticar violência. Para ele, é necessário para combater a violência, políticas econômicas e culturais que retirem o sujeito desse local

de sujeito frustrado, interdito e infeliz. Portanto, uma política que dê acesso aos bens de consumo, cultura, lazer e outros. É assim que o autor compreende que a violência não pode ser vista somente como um ato do sujeito, mas deve ser entendida inserida em sistemas sociais, culturais e políticos.

Dessa forma, para se compreender a violência, devemos compreender o contexto no qual os sujeitos que a praticam estão inseridos. Wieviorka (2006) também se debruça sobre a facilidade de circulação de informações que acontece devido a globalização. Dessa forma, o autor nota que vivemos a era das vítimas, o que faz com que as pessoas passem a compreender a violência apenas como algo que afeta suas vidas, sem entender o contexto político, social e cultural.

O que se percebe, portanto, é que a sociedade tem se transformado cada vez mais por conta da violência. Ainda assim, essas mudanças têm acontecido sem levar em conta o contexto geral no qual ela está inserida. É necessário, então, compreender o funcionamento da violência nos grandes centros urbanos, sua relação com a sensação de medo e insegura e como a vida pública é afetada por esses fatores, o que será discutido no próximo capítulo.

2.1 VIOLÊNCIA URBANA, MEDO E INSEGURANÇA

A violência chega nos grandes centros urbanos dessa forma: a informação sobre esses atos violentos circulando em questão de segundos, os jornais falando a todo momento sobre assassinatos, roubos e todo o tipo de violência que ocorre nesses locais.

Para Roché (1994), o crescimento das novas violências urbanas causa o aumento da sensação de insegurança na sociedade. O autor define que “por sentimento de insegurança, entendem-se as manifestações de medo pessoal ou as preocupações com as ordens verbais, comportamentais, individuais ou coletivas”. (1993, p.135). Dessa forma, as cidades tem se tornado um antro de pessoas constantemente preocupadas, que evitam ao máximo a vida e os locais públicos.

Porto (2010) pesquisa o fenômeno da violência no Brasil e entende que, no processo de globalização e surgimento dos meios de comunicação, houve uma maior divulgação e espetacularização da mesma. É assim que, por exemplo, o número de telejornais e jornais sensacionalistas tem aumentado. Até debates políticos, que deveriam girar em torno de diversas pautas, costumam se deter apenas ou por muito tempo na violência, deixando de lado outros aspectos importantes da sociedade (saúde, educação e outros). Nesse sentido, a

autora compreende que a violência tem se tornado um produto que pode ser comercializado e que, mesmo pessoas que nunca chegaram a sofrer violência, a internalizam como se o tivessem, como pode ser visto no trecho:

outro lado desta mesma moeda transforma o real em espetáculo, produzido pelos meios de massa. É o que ocorre, por exemplo, com o fenômeno da violência, transformado em produto, com amplo poder de venda no mercado de informação, e em objeto de consumo, fazendo com que a realidade da violência passe a fazer parte do dia-a-dia, mesmo daqueles que nunca a confrontaram diretamente enquanto experiência de um processo vivido. (PORTO, 2010, p.193)

Nesse sentido, o que se pode observar nas pessoas que vivem nos grandes centros é o aumento do medo e da insegurança, como já visto anteriormente. A sensação de medo da população, que já é grande, acaba sendo constantemente alimentada pelos meios de comunicação de massa, culminando em uma espécie de histeria coletiva.

A autora explica também que “a violência passa a ser consumida num movimento dinâmico em que o consumo participa também do processo de sua produção, ainda que como representação.” (2010, p.193) Nesse sentido, é um ciclo no qual, ao mesmo tempo em que o consumo da violência é feito, esse consumo é, também, parte da produção da violência. É assim que, por exemplo, ao mesmo tempo que as grandes mídias espetacularizam cada vez mais a violência, essa espetacularização participa ativamente do aumento da mesma e vice-versa. Um exemplo desse processo é um local público que por conta do medo gerado pela espetacularização da violência acaba tendo menos circulação de pessoas. Em seguida, esse mesmo local público vai se tornando mais perigoso e inseguro. O que se pode perceber nesse exemplo é a participação ativa da espetacularização na insegurança desse espaço, ou seja, ela sai do espaço de criação de uma representação, para uma prática específica advinda dessa representação.

Porto (2010) pontua ainda que a espetacularização da violência mediada pela mídia de comunicação de massa faz com que as relações sociais se modifiquem e que a segurança privada seja institucionalizada como solução. Pode-se pensar, por exemplo, a forma como a arquitetura nos grandes centros urbanos têm se modificado por conta da sensação de insegurança.

Essa mesma sensação transforma as cidades no que Souza (2008) chama de fobópole, ou seja, uma cidade que gira em torno do medo. Lugares onde a sensação de medo e insegurança são tão grandes que modificam completamente o funcionamento desses locais, desde a arquitetura até as relações entre os indivíduos.

Para observar essas transformações na vida em sociedade devido ao medo e insegurança, basta notar o aumento do investimento em segurança privada. Esse aumento pode ser visto no que é chamado por Pastana (2003) de arquitetura do medo e se refere a grande quantidade de aparatos de segurança, dos muros cada vez mais altos e do grande número de condomínios fechados, ou seja, da transformação da arquitetura urbana por conta do medo e insegurança.

Sendo assim, se por um lado a violência é espetacularizada e, por outro, a sensação de insegurança é grande, a tendência desse movimento é que a sensação continue ficando maior. Se essa sensação fica maior, isso faz com que as pessoas busquem a segurança privada como solução, então esse cenário é altamente lucrativo para empresas que vendem aparatos que, em teoria, aumentam a segurança. Quanto maior a demanda de produtos de segurança motivados pelo medo for, mais lucrativo e compensador se torna para elas a manutenção dessa sensação institucionalizada.

Magrini (2013) diz que é através das representações e imagens de uma cidade insegura que elas passam a ser reconhecidas como tal. Para a autora, cinco grupos contribuem para a manutenção dessa imagem: a mídia; os promotores imobiliários; as empresas que oferecem serviços de segurança; os políticos e, por fim, a própria população que reproduz o que esses demais agentes reproduzem. É nesse sentido que a população, ao aderir ao discurso da insegurança, passa a consumir tudo que possa livrá-la desse mal. Para a casa, equipamentos de segurança. Para o lazer, lugares privados e fechados. Para a locomoção, carros.

Garland (2008) caracteriza como complexo do crime uma série de crenças e atitudes. A princípio, o aumento da criminalidade vai se tornando normal e altamente divulgado, tendo um forte aumento emocional no sentimento de insegurança e raiva da população. A partir disso, a sociedade passa a culpar os órgãos públicos por essa falta de segurança e acaba por investir em meios privados para tentar resolver problemas de segurança. Por fim, isso se torna uma representação institucionalizada na cultura popular e mídia. Novamente, outro ponto que se nota, é que esse aumento do sentimento de insegurança da população se torna vendas para determinados setores.

Bauman (2009) afirma que as indústrias ganham em cima do sentimento desse sentimento de insegurança e chamou de capital do medo esse lucro. Graham (2001) lembra que os publicitários exploram esse sentimento constantemente. Os jornais, as novelas, as revistas e todos os meios de comunicação trabalham esse medo de diferentes formas. Seja

ao anunciar todos os dias acontecimentos tendenciosos em jornais sensacionalistas, ao lembrar da importância de uma luta para autodefesa, ao vender carros blindados ou casas em condomínios fechados hiperseguros. A insegurança é um sentimento forte e, além disso, um sentimento constantemente alimentado pela mídia e explorado para vendas.

Sendo assim, o que se pode observar é que o sentimento de insegurança é altamente lucrativo para grupos mais ricos. Em especial, a mídia, políticos e empresas ligadas à segurança (diretamente ou indiretamente). A mídia porque a mesma também se beneficia com a publicidade desses bens ligados a segurança. Os políticos porque isso faz com que elas foquem em problemas menos importante. As empresas porque estão lucrando cada vez mais com isso, seja vendendo casas hiperseguras, carros, câmeras de vigilância ou outros.

2.2 MUROS, SEGREGAÇÃO E ISOLAMENTO

Durante o crescimento urbano, com o aumento da sensação de insegurança, as cidades se tornaram cada vez mais segregadas. No processo de urbanização muros foram construídos para tentar distanciar o perigo que é personificado no outro.

A urbanização deixou claro a existência do que Bauman (1999) chama de estranhos, ou seja, “verdadeiros híbridos, os monstros - não apenas não classificados, mas inclassificáveis” (p.68). Nesse sentido, quanto mais afastado se estiver deles, melhor. O estranho é, em outras palavras, o que pode ameaçar a segurança individual, alguém do qual não sabemos o que esperar.

Não é de se estranhar, portanto, o aumento da segregação. Ainda assim as ruas da cidade continuam sendo o momento em que há o cruzamento entre as pessoas, ou seja, o local onde se pode encontrar os “estranhos”.

Podemos dizer que as fontes do perigo atingiram agora o coração da cidade. Os amigos e os inimigos – sobretudo os misteriosos e incompreensíveis estrangeiros que oscilam ameaçadoramente entre esses dois extremos – misturam-se, confundem-se nas ruas da cidade. A guerra à insegurança, aos riscos e aos perigos está em curso dentro da cidade; nela, os campos de batalha são nitidamente delimitados, e as linhas de frente são “demarcadas”. Embora assumam formas muito diversas, e seus designers se esforcem para assimilá-las ao panorama das cidades – “normalizando” o estado de emergência no qual os moradores, viciados em segurança, vivem o dia-a-dia –, as trincheiras fortificadas e os bunkers destinados a separar e manter distantes os estrangeiros, barrando seu acesso, se transformam rapidamente num dos traços mais visíveis da cidade contemporânea. (BAUMAN, 2009, p61/62)

Nesse sentido, se a sensação geral é de que a cidade representa o perigo, então quem pode pagar pelo isolamento, e conseqüentemente se manter longe do imprevisível que é a vida urbana o faz, retirando-se para o que Bauman (2003) chama de guetos voluntários, ou seja, um lugar no qual se escolhe o isolamento dos outros. A boa vontade em pagar por segurança e isolamento da elite é visível pela quantidade de condomínios, prédios e casas hiperfortificadas.

Bourdieu (1999) denominou como efeito clube a concentração socioespacial de pessoas com maior poder aquisitivo de um lado e, do outro, as de capital negativo. A ideia de contato entre os mesmos é vista como intolerável. A divisão entre essas duas partes é entre a elite, que pode pagar pelo isolamento, enquanto o outro grupo não tem escolha de estar ou não ali.

Caldeira (2000) chama de "cidade dos muros" essa mudança na estrutura dos grandes centros urbanos por conta do medo. A autora estudou a cidade de São Paulo e pode notar lá essa formação socioespacial ditas por Bauman (1999) e Bordieu (1999). A autora relata que lá as classes mais abastadas se escondem em condomínios fechados, ainda que não tenham sido vítimas diretas da violência. Nesse sentido, fica claro que as cidades costumam se dividir em uma parte pobre, em contrapartida a uma elite. A oposição é sempre de quem pode pagar por suposta segurança e o afastamento de quem não pode.

Os grupos que não podem pagar para entrar nesses locais ficam a parte da sociedade, em locais que são excluídos e marginalizados. A população pobre é criminalizada e associada ao crime, sendo reprimida quando frequenta os espaços da elite. O ajuntamento da população pobre, o aumento dos condomínios, as câmeras de vigilâncias por toda parte são todas medidas que ilustram a divisão e segregação da sociedade.

Caldeira (2000) entende que essa divisão modifica a vida pública e causa mudanças que são fundamentalmente antidemocráticas, pois produzem segregação e insegurança. Além disso, percebe que, uma vez que a violência fica associado na figura do outro periférico, cada vez mais a tendência é o afastamento do mesmo. A segregação socioespacial causa, portanto, uma repressão maior nas periferias.

Nesse sentido, se o que a população mais rica quer é segurança, e seu medo fica associado ao outro periférico, logo a relação entre esses dois grupos se tornará de medo e estigma. A lógica dos grupos mais ricos será de que quanto mais afastados estiverem da população pobre, mais seguros estarão. Se torna, portanto, um ciclo vicioso, no qual o

afastamento entre esses dois será cada vez maior. Esse isolamento social tem ainda diversas consequências, como Frattari (2009) mostra:

Tem-se por fim, que o evitamento e a separação tornaram-se as principais estratégias de sobrevivência nos grandes centros. Os muros que antes cercavam as cidades e protegiam os cidadãos da ameaça exterior de invasores, agora as recortam. A principal preocupação passa a ser com a segurança individual, garantida pelas muralhas fortificadas dentro da própria cidade. Contudo, a promessa de alívio e proteção parece fadada ao fracasso, já que nessas “comunidades uniformes” o medo antes que mitigado, tende a auto-propulsão. O enclausuramento só reforça a imagem de um mundo perigoso e ameaçador além das grades, cercas e guaritas, ao passo que destrói as possibilidades de sociabilidade extramuros. (FRATTARI, 2009, p101)

Dessa forma, esses muros dentro das cidades que destroem as possibilidades de sociabilidade entre grupos sociais diversos, também tornam as casas verdadeiras em fortalezas contra o mundo. A vida em sociedade foi sendo deixada de lado em detrimento da suposta segurança. Os muros, que deveriam garantir a segurança, passam a ser sua única defesa contra o mundo do qual querem se defender. Além disso, fica claro que, enquanto grupos mais ricos se isolam conscientemente, os grupos mais pobres são marginalizados sem escolha.

2.3 VIOLÊNCIA, SEGREGAÇÃO E INSEGURANÇA EM GOIÂNIA

Com 1.093.007 habitantes (Censo/IBGE, 2000), Goiânia, apesar de jovem, a exemplo das metrópoles brasileiras, apresenta uma expansão urbana marcada por processos de auto-segregação urbana (CHFs), redes formadas por grandes equipamentos como shopping centers, hipermercados e crescentes bolsões de miséria que se localizam em seus bairros periféricos. (BERNADES, SOARES 2007)

Segundo o último censo do IBGE, feito em 2010, Goiânia tem população de 1.302.001 pessoas, mas o órgão estima que essa população chegará a 1.516.113 pessoas em 2019. Mesmo com a população crescendo, a segregação urbana notada em 2007 pelos autores continua visível e em crescimento.

No final de 1970, surgiu o primeiro condomínio fechado de Goiânia, o Privê Atlântico, mas só em 1990 é que recebeu o status de condomínio fechado pelo governo (BERNADES, SOARES 2007). Desse tempo pra cá a quantidade de condomínios só aumentou. Em 2009 a quantidade já era grande, como nota Frattari (2009):

Atualmente Goiânia figura como a terceira capital do país em número de condomínios fechados, apresentando um total de 14 condomínios (ao todo são 10

de grande porte), se somados a outros instalados em sua região metropolitana, este número sobe para 19 condomínios (FRATTARI, 2009, p45)

Esse número é reflexo do sentimento de insegurança, parte da sociedade atual. Caldeira (2000, p.211) denomina como “cidade dos muros” locais onde as classes privilegiadas se escondem atrás dos muros por conta do medo. A capital de Goiás é, claramente, uma dessas cidades. Possui muros por todos os lados, alto número de condomínios fechados, segregação evidente e outras características que se observam em grandes cidades.

Se, por um lado, a parte habitada por pessoas de melhor renda é sempre visível, seja na mídia ou por geralmente se localizar nas partes centrais. Por outro lado, a parte pobre deve ficar o mais longe possível, e a mídia dificilmente a retrata. Moyses (2004) observa a existência do que ele chama de “cidade legal” e “cidade ilegal”, que é a divisão entre essas duas partes da cidade: a primeira, habitada pela elite; e a ilegal, espaço à margem da sociedade. Nota ainda que a parte ilegal só aparece quando ocorrem eventos de calamidade. Nesse sentido, é interessante pensar na quantidade de crimes relacionados a essa parte da cidade que são usados como parte da espetacularização da violência e acabam por estigmatizar essa parte da cidade.

O espaço urbano de Goiânia e de alguns municípios de sua região metropolitana evidencia a existência de uma cidade fracionada e fragmentada. Assim, podemos dizer que, de um lado, existe a cidade legal e, de outro, a cidade ilegal ou não-cidade. Ambas expressam a cidade concreta, real, flexível, que se metamorfoseia por obra e vontade dos homens. Legal é a cidade dos loteamentos e das edificações regulares, aprovados segundo a legislação vigente. Essa pode projetar a cidade para fora como “cartão postal”. Ilegal, a construída à margem da lei, das instituições, por razões econômicas e sociais dos excluídos ou incluídos. Essa cidade ilegal só aparece publicamente quando ocorrem calamidades públicas, como enchentes, epidemias, ou através de reivindicações por melhores condições de vida, o que possibilita a visibilidade de suas entranhas e da deterioração de seus espaços e as condições precárias em que seus moradores vivem. Ambas existem, “convivem” e desconfiam uma da outra. No entanto, entre elas há “muitos muros”. (MOYSES, 2004, p.195/196)

Nesse aspecto, a vida urbana em Goiânia tem se tornado cada vez mais assustadora para a maioria da população. Souza (2011, p.9) confirma essa sensação generalizada e observa que a vida na cidade se tornou desconfortável, já que as pessoas andam pela cidade preocupadas com sua segurança e, logo que possível, voltam pros seus lares. Sendo assim, a ideia da vida em sociedade fica cada vez mais difícil, já que no anseio de ficarem seguras a convivência é colocada de lado.

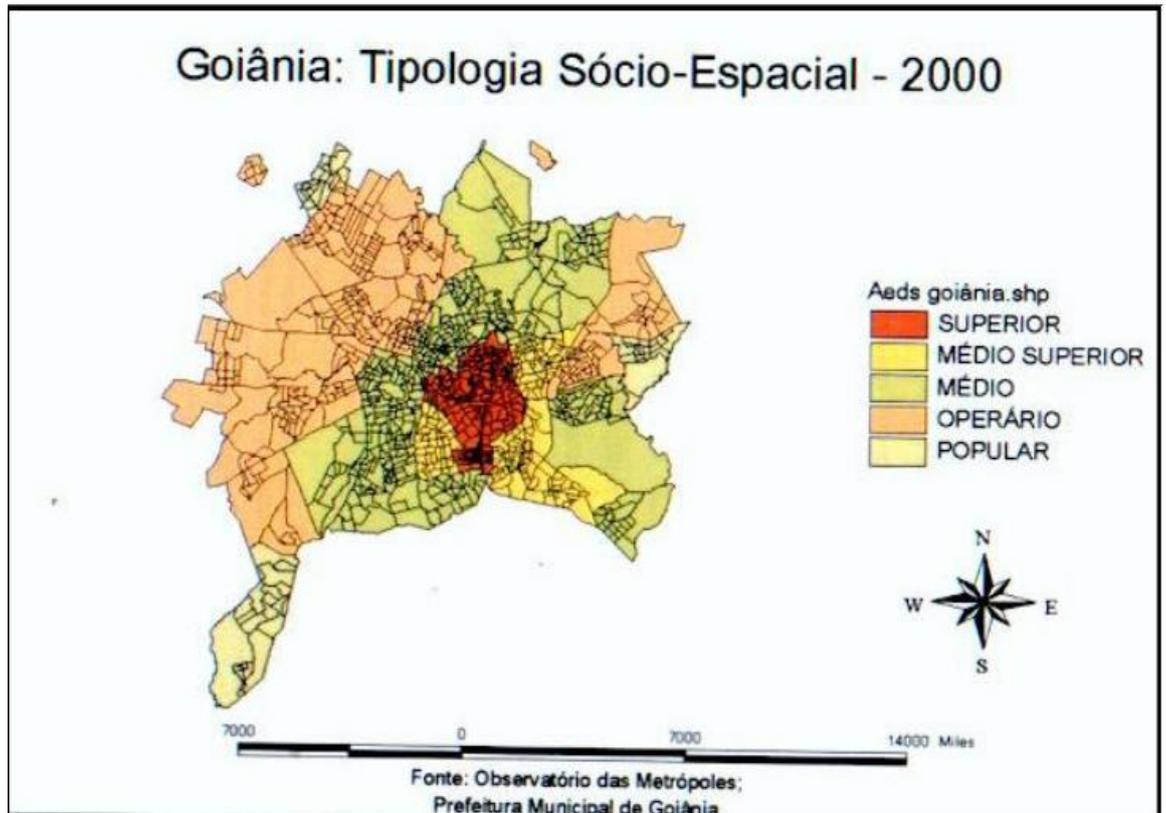
Souza e Rabelo (2011) notam que, seja provocado por causas reais ou não, esse sentimento causou uma modificação no espaço urbano e nas relações sociais na capital de Goiás. A ausência de contato entre grupos diferentes modifica a forma como esses se relacionam, causando exclusão e segregação. Além disso, na medida em que apetrechos de segurança (câmeras, muros, grades) são eleitos como solução para a violência, a arquitetura urbana se modifica, tornando as casas em verdadeiros fortes. Perceberam também que “ficou manifesta a tendência de atribuir a violência a um outro imaginário, estereotipado como estranho, suspeito, perigoso, os mais pobres, os habitantes da periferia.” (2011, p6).

Frattari (2009) concorda que há a modificação das relações sociais. Pontua que esse entendimento do outro como ameaçador pode levar ‘a evitação e ódio social’. Uma vez que há uma modificação na forma com que as cidades se dividem e também nas relações sociais, isolando cada vez mais os indivíduos, o outro passa a ser cada vez mais evitado, estigmatizado e criminalizado.

Em pesquisa feita por Frattari no ano de 2009, moradores de Goiânia foram questionados sobre concordar ou não com a frase “Ninguém está seguro em lugar nenhum!”, as respostas foram massivamente positivas em todas as classes sociais. Os pesquisados com ensino superior concordaram 78,8%. Os de nível médio superior e médio tiveram, respectivamente, 80,5% e 83,7% de respostas concordando com afirmação. Os níveis operários e popular obtiveram os maiores números de respostas positivas, sendo 86,8% e 83,8%, respectivamente.

Para melhor compreensão desses dados, apresento o seguinte mapa da tipologia socioespacial de Goiânia feito pela prefeitura nos anos 2000 e citado por Frattari (2009) em seu trabalho:

Figura 1 – Tipologia socioespacial de Goiânia nos anos 2000



Fonte: FRATTARI (2009) APUD OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES

A divisão por ocupações é diretamente ligada à renda média mensal. Sendo assim, fica claro a segregação socioespacial dos grupos com menor renda. Frattari (2009) explica que “quanto mais elevado na estrutura socioespacial se encontrar o tipo, melhores as condições das pessoas segundo sua condição sócio ocupacional, em relação aos outros tipos socioespaciais.” Nesse sentido, o nível superior é o mais alto e, portanto, com melhores condições; o nível popular é o mais baixo e, portanto, com piores condições.

Sendo assim, o levantamento da pesquisa mostra que no nível superior a renda mensal é maior (53% deste grupo recebe mais de 10 salários mínimos) e vai diminuindo até chegar no popular, que tem a menor renda (até dois salários mínimos). A quantidade de pessoas com acesso aos serviços públicos (água, esgoto, energia) é bem mais alta no nível superior. Além disso, há ainda a taxa de analfabetismo, que é 0,9% no superior, mas chega a 7,7% no grupo operário.

Ainda nessa pesquisa, o levantamento de pessoas que se sentem inseguras andando só em seus bairros à noite é de 36.2%, 46.8%, 36.5%, 43.0% e 53.3% respectivamente nos grupos superior, médio-superior, médio, operário e popular.

Os mapas de tipologia socioespacial com dados da prefeitura disponíveis mostram a clara segregação socioespacial da cidade, já que as pessoas se juntam com os de mesma renda, ficando isolados das demais classes sociais.

Ou seja, como pode se observar nos dados da pesquisa da autora, a insegurança é parte da sociedade, não sendo diferente em Goiânia. É notável que a percepção da violência é grande em todas as classes sociais, principalmente nas mais pobres. Além disso, mesmo os mais abastados, que podem pagar pela segurança privada, têm a sensação de insegurança em um número altíssimo. Sendo assim, o medo é, de fato, um sentimento institucionalizado por todas as classes e pessoas. É necessário pensar, nesse sentido, se as medidas tomadas pelas rotinas de segurança pagas são, de fato, a solução para o problema do aumento da violência.

3 ESPAÇOS PÚBLICOS, LAZER PRIVADO E MÍDIA

Um espaço é “público” à medida que permite o acesso de homens e mulheres sem que precisem ser previamente selecionados. Nenhum passe é exigido, e não se registram entradas e saídas. Por isso, a presença num espaço público é anônima, e os que nele se encontram são estranhos uns aos outros, assim como são desconhecidos para os empregados da manutenção. Os espaços públicos são os lugares nos quais os estrangeiros se encontram. De certa forma eles condensam – e, por assim dizer, encerram – traços distintivos da vida urbana. É nos locais públicos que a vida urbana e tudo aquilo que a distingue das outras formas de convivência humana atingem sua mais completa expressão, com alegrias, dores, esperanças e pressentimentos que lhe são característicos. (BAUMAN, 2009, p.69)

Para o autor o espaço público é, portanto, o local onde todos os diferentes grupos de pessoas podem frequentar, independente da classe social e demais aspectos que os diferenciam. É, então, o espaço ideal para que esses grupos convivam, se conheçam, troquem experiências e memórias. Considerando que isso aconteça, a imagem que um grupo tem do outro pode ser mais próxima da realidade, já que seria criada através do contato entre eles.

O autor nota ainda que esses espaços são os locais que condensam, ou seja, que melhor exprimem, os traços da vida em sociedade, ou seja, "as alegrias, dores, esperanças e pressentimentos (...)". Dessa forma, um espaço com tamanha possibilidade de vivências em sociedade deveria ser priorizado e massificado como local potencial para o lazer e convivência.

Atualmente, um dos locais que são mais frequentados para o lazer são os shopping centers. Mas, mesmo que pareçam, como nota Silva (2009), eles não se enquadram em espaços públicos, embora tenham uma função de sociabilidade parecida, mas tem a diferença de que são espaços que podem ser fechados durante um período, por exemplo. Silva (2009) destaca também que “embora sejam espaços coletivos de grande alcance e frequência, eles criam um espaço diferenciado do tecido urbano, fechados à vida da rua e sob constante vigilância e controle”. Além disso, há também a localização desses locais, que geralmente são em bairros mais abastados e com maior dificuldade de acesso para as classes mais pobres.

As escolas e os hospitais públicos, por exemplo, também não se encaixam na definição de espaço público, pois não são acessíveis por qualquer um a qualquer momento, mas são locais do poder público. Nesse sentido, embora se pareçam bastante com os espaços públicos, não o são.

Portanto, os espaços públicos aqui tratados são os locais que tem todas suas características como públicas e, por isso, devem ser de acesso irrestrito a todos em todos os

momentos, como praças, ruas, parques, largos e outros. Borja (apud Silva, 2009, p30) têm preocupações em relação a esses espaços:

(...) vê três processos negativos atingindo as cidades atuais: dissolução, fragmentação e privatização. Estes três processos contribuem para o quase desaparecimento do espaço público como espaço de cidadania. Ele assinala esta questão como preocupante, já que o espaço público é um dos responsáveis por definir a qualidade da cidade, indicando a qualidade de vida das pessoas e o desenvolvimento da cidadania de seus habitantes, além de ser neles onde se realiza a síntese dos lugares e fluxos de uma cidade, formando lugares de coesão social. (apud SILVA, 2009, p30)

É, portanto, visível a preocupação do autor com a diminuição e desaparecimento desses espaços. Esses locais, justamente por conta da sensação de medo e insegurança vistos anteriormente, passam a ser vistos como locais que estão propensos a violência, já que não há segurança privada por trás.

Se são vistos como locais inseguros e, portanto, não são frequentados, esses locais passam a serem, de fato, menos seguros. Uma vez que são abandonados, tanto pelo poder público como pela população, a privatização passa a ser uma opção. Silva (2009) se preocupa com a privatização desses espaços. Locais que poderiam ser espaços de lazer público, como parques, cachoeiras e outros espaços são privatizados. Além disso, o lazer privado tem se tornado cada vez maior, como pode ser notado pelo aumento das boates, casas de show, shoppings, clubes e outros.

O terceiro processo negativo citado pelo autor é o de fragmentação, que depende dos outros dois para acontecer, e ela causa o não-relacionamento dos diferentes grupos justamente por não ter acesso a esses locais. É nesse sentido que, como notou Frattari (2009), o enclausuramento destrói as possibilidades de sociabilidade fora dos muros. Uma vez que as pessoas estão fechadas em suas casas ou locais de lazer privado, a sociabilidade com grupos diversos se torna cada vez mais difícil. A negatividade dessas relações fica clara no trecho:

Atualmente, nem todo espaço público é capaz de congregiar cidadãos e contribuir efetivamente para o fortalecimento da cidadania. Uma das características dos espaços públicos é a de evidenciar os problemas de injustiça social, econômica e política, portanto, a fragilidade destes espaços seriam potencializadores negativos das diferenças (BORJA, 2003:61), não contribuindo para o enriquecimento das relações sociais. (apud SILVA, 2009, p47)

Sendo assim, a diminuição desses espaços afeta diretamente as possibilidades de sociabilidade, integração de pessoas e fortalecimento da participação delas nas políticas públicas. Como mostrado no trecho, o autor afirma que os espaços públicos podem

evidenciar problemas relacionados a política, economia, cultura e sociedade em geral. Seria, portanto, um espaço capaz de aumentar a participação das pessoas e torná-las, de fato, em cidadãos.

Silva (2009) chama de espaço cidadão “um espaço livre público que atende a tais condições e com determinadas características que o tornam um espaço de interação, de trocas, de pertencimento, de reconhecimento e de manifestação”. Seria, portanto, um local que pode ser explorado em sua completude, no qual a troca e convivência entre os diversos grupos aconteçam. Essa convivência traz aumento da qualidade de vida e da coesão social, além de trazer à tona problemas políticos de diversas naturezas. É, portanto, nesses espaços que o debate sobre a vida em sociedade pode ser feito de melhor forma, já que nele se encontram os mais diversos grupos.

Magrini (2013) afirma que a mídia assume um papel privilegiado na produção e disseminação das representações de cidades inseguras. Esses discursos por eles veiculados são reconhecidos como verdade e tem alto convencimento da opinião pública. Dessa forma, se a mídia coloca a segurança como um problema público e naturaliza situações de violência, então grande parte da população interioriza isso e passa a agir como se a qualquer momento pudesse ser vitimizada. A autora entende que a mídia, ao mesmo tempo que propaga a ineficácia do estado, estimula as soluções privadas via mercado.

Nesse sentido, os espaços públicos são diretamente afetados por essa representação criada pela mídia. Em especial, os espaços de lazer público. Em primeiro lugar, porque são organizados pelo estado, uma entidade que é propagada como ineficaz. Em segundo, não há relação do privado com esses espaços, ou seja, não tem segurança privada, que é a solução institucionalizada. Ainda, são espaços que há a circulação dos mais diversos grupos, inclusive os que são retratados como potencialmente violentos e marginalizados pela grande mídia. Nesse sentido, Silva (2009) faz algumas observações:

A crescente insegurança percebida pela população das cidades, principalmente no Brasil, tende a afastar as pessoas das ruas. Tal fato pode ser a expressão da crescente desigualdade social, mas também pode ser entendido como descaso do poder público e como carência (quando não, ausência) de políticas públicas voltadas a minimizar esta questão. Quando se trata de segurança no espaço público, sabe-se que, embora não seja determinante, o número de transeuntes, a diversidade de usuários e de atividades desenvolvidas nas suas proximidades, as condições da sua conservação, a presença de iluminação, bem como a sua forma física, também podem contribuir para ampliar a sensação de segurança de um local. (SILVA, p41, 2009)

Silva nota a importância, embora não somente, da quantidade de pessoas que frequentam o local para sua segurança. Nesse sentido, se por um lado a mídia, que como é dito por Magrini (2013) tem alto poder de convencimento, consegue afastar as pessoas desse espaço. Por outro, a quantidade de pessoas que frequentam ajuda na segurança, então essa é uma das muitas formas que as representações sociais afetam a realidade e passam a moldá-la.

A forma com que as pessoas se relacionam com esses locais públicos é baseada no medo. Sendo assim, quando saem para espaços como as ruas, a única vontade é retornar para casa logo. O sentimento de insegurança que os domina durante todo o trajeto por esses espaços torna ainda menos provável que a convivência entre pessoas aconteça, pois o outro é condensado na figura do medo. Silva (2009) nota a importância do espaço público ser um local onde predomina a diversidade e diferentes grupos.

A capacidade de um espaço público estimular o exercício de participação na vida pública se dá, também, pela possibilidade da co-habitação e do encontro. Como já foi dito anteriormente, a relevância de espaços públicos dentro de uma cidade está relacionada, em grande parte, ao fato de permitir o convívio dos diferentes, o contato visual e físico, a tomada de consciência da heterogeneidade e da diversidade. (SILVA, p40, 2009)

É, portanto, nesses espaços, que essa imagem criada pode ser derrubada, já que são locais que estimulam a convivência e relacionamento. Bauman (2009) aponta que a alternativa a insegurança não é a tranquilidade, mas o tédio. Nesse sentido, ainda nota que os planejadores urbanos tem se tornado cada vez mais audaciosos em seus projetos para tentar driblar esse tédio. Fica claro com o aumento cada vez maior em investimentos de lazer privado dentro e fora dos condomínios, como clubes, parques, shoppings e muito mais.

Como já dito anteriormente, tem aumentado o número de lugares de lazer privado e, do mesmo modo que condomínios fechados, são locais onde se paga por segurança e isolamento. O problema é que, nessa lógica, os ambientes de lazer público vão sendo deixados de lado, tem menor investimento e, conseqüentemente, a insegurança desses poucos espaços vai aumentando. Além disso, torna o contato entre os grupos inviável, já que quem pode pagar pelo lazer privado. Logo, se essas pessoas que podem pagar estão sempre distantes dos grupos, a única imagem que tem deles é a que vem pela mídia, já que o contato real é praticamente nulo.

Nesse sentido, o que se percebe é que há um investimento emocional na sensação de medo e insegurança das pessoas e, em um segundo momento, elas passam a temer os espaços públicos, se voltando para o lazer privado.

O que se observa na mídia é que há pouco destaque para os espaços de lazer público e, quando há um destaque maior, geralmente se refere a calamidades que acontecem nesses espaços. O medo desses locais vai se tornando institucionalizado e esses espaços passam a ser cada vez mais desocupados. É necessário, portanto, repensar a participação da mídia no debate sobre segurança pública. Além disso, é importante ressaltar a participação desses espaços públicos de trazer o que há de mais característico e rico da vida em sociedade.

3.1 UM ESPAÇO DE LAZER PÚBLICO EM GOIÂNIA: O CHORINHO

O Chorinho, como ficou conhecido o evento cultural que acontece no centro de Goiânia, começou em 2013. Entre idas e vindas, mudou de local algumas vezes, parou por algum tempo, mas sempre volta. Já chegou a levar 3.000 pessoas para o centro da cidade, mostrando que é um espaço viável para levar arte, diversão e cultura de forma acessível. Atualmente faz parte do projeto Grande hotel vive o choro e acontece no Grande Hotel – Av. Goiás, esquina com a Rua 3.

Na contramão da maior parte da programação cultural da cidade que acontece em locais mais afastados, pagos (marista, setor sul) e geralmente em bares ou boates, o chorinho se propõe como um evento gratuito, no centro e aberto para todos. Conta com investimento público para se manter e leva, todas as sextas, três artistas goianos. Artistas como Carne doce, Grace Carvalho, Grupo denço, Patocan são exemplos de bandas/cantores que já se apresentaram no local.

O evento já conta com um público fiel e, quando leva bandas maiores, chega a levar 3.000 pessoas para a rua. Ainda assim, mesmo sendo desse porte, pouco aparece na mídia e, na maioria das vezes, só aparece quando ocorre alguma tragédia no local.

4 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A Teoria das representações sociais é proposta por Moscovici. Ele define as mesmas como um conjunto de saberes, ideias e práticas que estabelecem uma ordem social e tornam a comunicação possível. Nesse sentido, essa é uma das diferenças das representações coletivas: as representações sociais tem como principal meio de circulação a comunicação.

Elas entram para o mundo comum e cotidiano em que nós habitamos e discutimos com nossos amigos e colegas e circulam na mídia que lemos e olhamos, em síntese, as representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação. Constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros. (MOSCOVICI, 2007, p.08)

Se, portanto, elas participam ativamente do processo de construção da ligação entre as pessoas, então elas podem modificar a vida em sociedade e estão em muitos dos nossos atos cotidianos e, como dito por Moscovici (2007, p10), "são entidades quase tangíveis, se entrecruzam e se cristalizam continuamente através duma palavra, gesto, ou duma reunião".

As representações sociais vêm para tornar algo que não é familiar, ou seja, que nunca tivemos contato, em familiar. Dessa forma, possibilitam que as pessoas consigam ter opiniões sobre situações, pessoas, locais, objetos e outros que nunca tiveram contato, tornam normal coisas com as quais nunca tivemos contatos. Moscovici observa que é através delas, as representações sociais, que naturalizamos o que desconhecemos:

Através delas, superamos o problema e o integramos em nosso mundo mental e físico, que é, com isso, enriquecido e transformado. Depois de uma série de ajustamentos, o que estava longe, parece ao alcance de nossa mão; o que era abstrato torna-se concreto e quase normal (...) as imagens e ideias com as quais nós compreendemos o não usual apenas trazem-nos de volta ao que nós já conhecíamos e com o qual já estávamos familiarizados (MOSCOVICI, 2007, p.58).

O que se percebe, portanto, é que as representações sociais participam do processo de construção simbólica de algo no imaginário, mas que é possível perceber o modo como ela circula na sociedade pelas práticas sociais. Nesse sentido, é interessante pensar em como as representações sociais agem. Para Moscovici (2007), os pontos centrais da forma como elas se constituem são a ancoragem e a objetificação.

A ancoragem é o que torna as figuras e/ou coisas associadas a algo comum a todos. É nesse contexto que assimilamos algo e associamos a uma das características, seja ela boa

ou ruim. É o que torna as coisas comuns e familiares. Jodelet (2001) considera que ancorar é, justamente, transformar algo não-familiar em familiar. Nesse sentido, se por exemplo, determinado país seja constantemente veiculado na mídia como ruim e pobre, mesmo que as pessoas não o conheçam realmente, elas criam uma imagem desse país que o associa a esses conceitos. Ou seja, algo não-familiar se torna familiar, tendo inclusive características associadas a ele.

Nós selecionamos uma característica aleatoriamente e a usamos como uma categoria: judeu, doente mental, novela, nação agressiva etc. A característica se torna, como se realmente fosse, coextensiva a todos os membros desta categoria. Quando é positiva, nós registramos nossa aceitação; quando é negativa, nossa rejeição. (MOSCOVICI, 2007, P.64)

O segundo processo é a objetificação, que é a reprodução desse conceito que foi assimilado, dando a ele sentido concreto. como dita por Moscovici (2004), “a prática específica” que a mesma produz. É a partir desse momento que, a ancoragem previamente feita vai se tornar atos e produzir efeitos práticos nas atitudes. Em seguida desse momento vem a total ancoragem. É assim que, por exemplo, os preconceitos são colocados em prática na sociedade. Apesar disso, não só coisas negativas advêm das representações sociais, como observa Moscovici (2007), dependendo da nossa aceitação, a prática específica pode vir a ser de rejeição ou aceitação. As duas etapas são explicadas por Castro (2017) como:

Ancoragem e objetivação são maneiras de lidar com a memória e com a linguagem. A primeira mantém a memória em movimento, classificando objetos, pessoas e ideias, de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda tira da memória esses conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior. (CASTRO, 2017, P 73)

Nesse sentido, fica claro que, enquanto a ancoragem trabalha para criar e classificar conceitos e ideias, a objetificação coloca esses conceitos em prática, modificando a forma como as relações se dão.

4.1 Representações sociais e a mídia

As representações sociais são construídas a partir da comunicação, como visto anteriormente. Nesse sentido, se a grande mídia atinge um grande público e, portanto, estabelece comunicação com o mesmo, então ela participa ativamente da construção das representações que esses indivíduos têm. Porto (2009) acredita que os meios de comunicação de massa são, inclusive, um dos maiores influenciadores das representações sociais. A autora

compara o funcionamento da grande mídia a um tribunal de júri, constantemente acusando ou absolvendo alguém.

Guareschi (2000) observa que, se por um lado a mídia constrói as representações e as mesmas constroem a realidade, então quem detém esses meios de comunicação detém o poder. Isso acontece porque, nesse sentido, eles podem modificar a realidade modificando essas representações. Justamente como porto pontua quando faz a comparação a um tribunal, a mídia pode construir representações boas ou ruins, certas ou erradas, mas sempre absolvendo ou culpando alguém ou algo.

A mídia é, portanto, um poder simbólico. Os donos dos grandes meios comunicação detêm um poder invisível, o de moldar a realidade. Bourdieu (2003) conceitua poder simbólico como:

[...] violência suave, insensível, invisível as suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento [...] (BOURDIEU, 2003, p.7).

Nesse sentido, para o autor, esses meios são utilizados para manutenção da dominação de uma classe sobre outras. Sendo assim, os meios de comunicação são ainda mais fortes por se tratar de um poder invisível, que não exige força bruta ou meios claros de dominação, mas não são menos eficientes nesse processo. Nota ainda que a produção do conteúdo possui também uma espécie de censura invisível. Isso acontece porque a) as pessoas que consomem não fazem parte da produção do conteúdo e b) a escolha de determinados conteúdos em detrimento de outros é um meio de invisibilizar discursos. É, nesse sentido que há o afastamento do cidadão para questões que realmente importam, como nota Castro (2017):

Ao insistir em publicar notícias “vazias”, com nada ou quase nada que realmente tenha interesse público, os meios de comunicação afastam as informações pertinentes que o cidadão deveria possuir para exercer seus direitos. (CASTRO, P83,)

Dessa forma, a mídia, pratica constantemente atos de violência simbólica. Porto (2010) utiliza alguns exemplos vistos como verdade na sociedade, que não tem respaldo científico, mas que foram naturalizados pela grande mídia como verdadeiros, como a instituição familiar em crise. É notável, portanto, a força desse poder simbólico, que consegue institucionalizar ideias sem respaldo algum.

Portanto, a partir da noção de representações sociais, e entendendo que a mídia é parte ativa e importante no processo de construção do pensamento compartilhado, a análise das edições do jornal O Popular será feita. Nesse sentido, o que se busca é compreender a participação desse meio de comunicação na construção das representações sociais acerca do evento e, a partir disso, entender quais as consequências das mesmas no espaço.

5 METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa utilizada será, a partir das representações sociais de Moscovici (2007), analisar matérias digitais do site do Jornal O Popular no período de janeiro de 2018 até janeiro de 2019. Nesse sentido, entendendo a mídia como uma das principais criadoras dessas representações no imaginário (PORTO, 2002), escolhi o segundo jornal de maior veiculação do estado para entender quais as representações criadas sobre o evento.

A partir do levantamento dessas matérias, elas serão comparadas com a parte teórica dos espaços públicos e violência urbana, buscando compreender qual a participação do Jornal O Popular na valorização ou no desmonte desses espaços. Além disso, levantar a quantidade de matérias que saíram nesse espaço de tempo ajuda a compreender a visibilidade desses espaços.

Essas matérias serão divididas em categorias de similaridade e, a partir dessas categorias, serão selecionadas matérias para apresentar a dois grupos focais: de pessoas que não foram ao chorinho e de pessoas que foram. A intenção é comparar o que esses grupos compreendem e subjetivam das matérias com a análise das mesmas.

5.1 As fontes e o tratamento dos dados

O objetivo dessa análise é compreender como o Chorinho é representado pelo jornal O Popular. Para tanto, foram analisadas as postagens digitais entre janeiro de 2018 e janeiro de 2019. Foram apanhadas todas as matérias que fazem menção ao evento nesse período, mesmo que não seja o principal foco.

Durante o período analisado, o de um ano, o evento aconteceu cinquenta e duas vezes. Mesmo com essa quantidade e contando com um público médio de 2000 pessoas, o evento foi citado apenas treze vezes.

Dentro dessas menções, 5 delas foram na Magazine, uma citação em entrevistas durante as eleições, duas matérias sobre acontecimento violento, duas de divulgação das atrações e uma entrevista com Carlos Brandão (o idealizador) sobre o Chorinho. Essa quantidade de matéria é um número considerado baixo para um evento de porte médio que acontece semanalmente na cidade.

Analisando as vezes em que o evento apareceu nesse período, consegui identificar três tipos de aparição no jornal: divulgação, acontecimento violentos e citações indiretas. Dessa forma, para facilitar a análise e entendimento, dividi em três tópicos para me debruçar sobre cada um desses tipos.

5.2 Matérias de divulgação direcionadas

Nesse tópico estarão as matérias de divulgação com foco no Chorinho, ou seja, que tem como protagonista o evento. São três matérias, duas delas utilizam os cantores da semana como ponto principal e a outra traz o debate da segurança do local.

Imagem 2 – Matéria de divulgação 1



MAGAZINE

Diego Mascate, Patocan e Grupo Dengo no Chorinho do Grande Hotel

01/11/2018 - 18:00

O projeto Grande Hotel Vive o Choro, popularmente conhecido como Chorinho, será realizado nesta sexta-feira a partir das 19 horas com shows de Diego Mascate, Patocan e Grupo Dengo. Pseudônimo artístico do Diego de Moraes, Mascate prepara show acompanhado pela banda formada por Fernando Cipó (guitarra), Rodolpho Gomes (baixo) e Jader Steter (bateria). Interpreta peças do repertório de Raul Seixas, Sérgio Sampaio, Titãs, Cazuza, Os Mutantes e Legião Urbana. Patocan, por sua vez, é um projeto instrumental do percussionista Sérgio Pato e do guitarrista turco Can Kanbay, idealizado quando se conheceram em Paris, no início dos anos 1990. Para finalizar a apresentação do Grupo Dengo terá clássicos do samba. Entrada franca. Avenida Goiás, esquina com Rua 3, Centro.

Tributo

Luiz Porto e banda fazem homenagem a Zeca Baleiro, Jorge Ben Jor e Tim Maia

O cantor Luiz Porto homenageia nesta sexta-feira, a partir das 20 horas, os icônicos Zeca Baleiro, Jorge Ben Jor e Tim Maia, no Lowbrow Lab Arte & Boteco, dentro do projeto Sexta Tem Concerto. O tributo, além de Luiz Porto, terá ainda George Augusto, na bateria, e Brunno Prudente, no contrabaixo. Formado no curso de Música, pela UFG, Luiz Porto contabiliza mais de 14 anos de carreira e sete prêmios. O cantor também já participou de grandes eventos como Fica, Grito Rock e Goiânia Canto de Ouro. Há sete anos, ele desenvolve um tributo a Chico Science, que é marcado por músicas autorais inspiradas nas ideologias do cantor e compositor. Além disso, Porto atua no projeto Lícito Caos, uma mistura

Fonte: Site do O Popular, 2019

A primeira delas dá maior visibilidade para as bandas que irão participar, do que para o evento em si. Falta algumas informações importantes, como falar o que é o evento, qual a constância. Percebe-se em todo o texto que há maior divulgação da banda e dos cantores,

que tem sua história e repertório explorados, mas pouco se fala sobre o evento. Nesse sentido, caso um leitor que não conheça o Chorinho leia essa matéria, pode acabar achando que é um show pontual, pois não tem maiores detalhes, que informem que acontece com regularidade e traz, a cada edição, novas bandas. Dessa forma, ainda que seja de divulgação, faltam informações importantes para que possa ser atrativa e, de fato, contribuir para divulgar o evento em si, além das bandas que estarão lá.

A segunda matéria também dá maior destaque para as atrações do que para o evento em si. Mesmo assim, há uma diferença entre ela e a primeira, ela já traz informações sobre a volta do evento que acontece semanalmente e outros detalhes pontuais.

Imagem 3 – Matéria de divulgação 2



Fonte: Site O Popular, 2019

A última das matérias de divulgação focada no evento se encaixou nessa categoria porque traz informações sobre o evento, ou seja, acaba por divulgar o que ele é, mas ao mesmo tempo tem falas do idealizador do Chorinho, Carlos Brandão, e levanta pontos interessantes de discussão: espaço público, segurança, ocupação. Essa é uma matéria que consegue ir mais a fundo sobre a proposta do evento, além de discutir segurança pública.

Imagem 4 – Matéria de divulgação 3

Se essa rua fosse minha: Chorinho no Grande Hotel mostra demanda por segurança nos espaços públicos

Em meio a problemas de segurança pública, produtores se mantêm firmes na ideia de levar arte a espaços públicos

26/02/2018 - 16:00



As letras garrafais grafitadas nas paredes do Grande Hotel, na Avenida Goiás, com os dizeres "Ocupe a Cidade" parecem falar em nome de um movimento artístico e cultural em busca de ocupação dos espaços urbanos de Goiânia. As ações podem não ser novas- e muito menos se restringem apenas à capital goiana - mas exemplificam tentativas de apropriação das ruas e avenidas em diferentes bairros.

Sair de espaços fechados de entretenimento e levar mais as pessoas para as ruas é palavra de ordem para muitos produtores e artistas. O fato é que, visivelmente, a falta de segurança pública tem se mostrado um empecilho. Há quem defenda que para se resolver o problema o melhor seria cancelar os eventos. Por essa lógica, sem evento, sem violência. Mas, afinal, não seria a ocupação dos espaços com cultura uma das alternativas justamente para ajudar no combate à violência?

O mesmo Grande Hotel das paredes grafitadas foi palco, no último dia 9, de episódio de violência que acabou acarretando na morte do vendedor de doces Roberto Fonseca Nardi, de 39 anos, e em mais dois feridos, após os shows que integram o projeto Grande Hotel Revive o Choro.

Realizado pela Prefeitura de Goiânia, o Chorinho, como todos carinhosamente o chamam, é um dos eventos semanais mais queridos da região. Além de abrir espaço valioso para artistas de Goiás, também contribui para a revitalização e ocupação da Região Central da cidade.

"Goiânia está cada dia mais violenta. Esse é um fato que a Segurança Pública, mesmo querendo criminalizar as manifestações culturais, não pode negar", opina o jornalista e produtor cultural Carlos Brandão, que coordena o Chorinho desde a sua retomada, no início de 2017.

Fonte: Site O Popular, 2019

Nesse sentido, é interessante pensar que o evento se encaixa perfeitamente no conceito de Bauman (2009) de espaços público, ou seja, é um ambiente no qual há livre circulação sem que se tenha controle da entrada e saída das pessoas. É, portanto, um espaço que estimula a interação entre os grupos diversos e, como dito pelo autor, são esses espaços

que podem exprimir “as alegrias, dores, esperanças e pressentimentos (...)”. Silva (2009) concorda e acrescenta que são esses os espaços os responsáveis para aumentar a qualidade de vida da população. Dessa forma, as duas primeiras matérias de divulgação, ao deixar o evento menos visível que as bandas da semana, deixam de lado a chance de incentivar a participação em um espaço que, como dito acima, estimula a interação social e melhora a qualidade de vida da população.

No período das matérias analisadas, o de um ano, aconteceram cerca de 50 edições do evento, que na época acontecia semanalmente. Dessa quantidade de edições, o evento apareceu apenas 3 vezes em matérias com foco a sua divulgação. Mesmo sendo um evento consolidado na cidade, contando com público fiel – chega a levar 2000 pessoas para a rua - e sendo porte médio, pouco aparece para divulgação no jornal.

Dessa forma, o que se observa é que há pouco interesse na divulgação do evento. Como dito por Bordieu (2003) o poder simbólico não é fácil de se perceber, pois aparece de maneiras não tão claras. A mídia, como uma das portadoras desse poder, ao escolher divulgar e priorizar determinados conteúdos, invisibiliza espaços que, como já foi dito, trazem diversos benefícios para a sociedade ao estimar a convivência, expressão e interação.

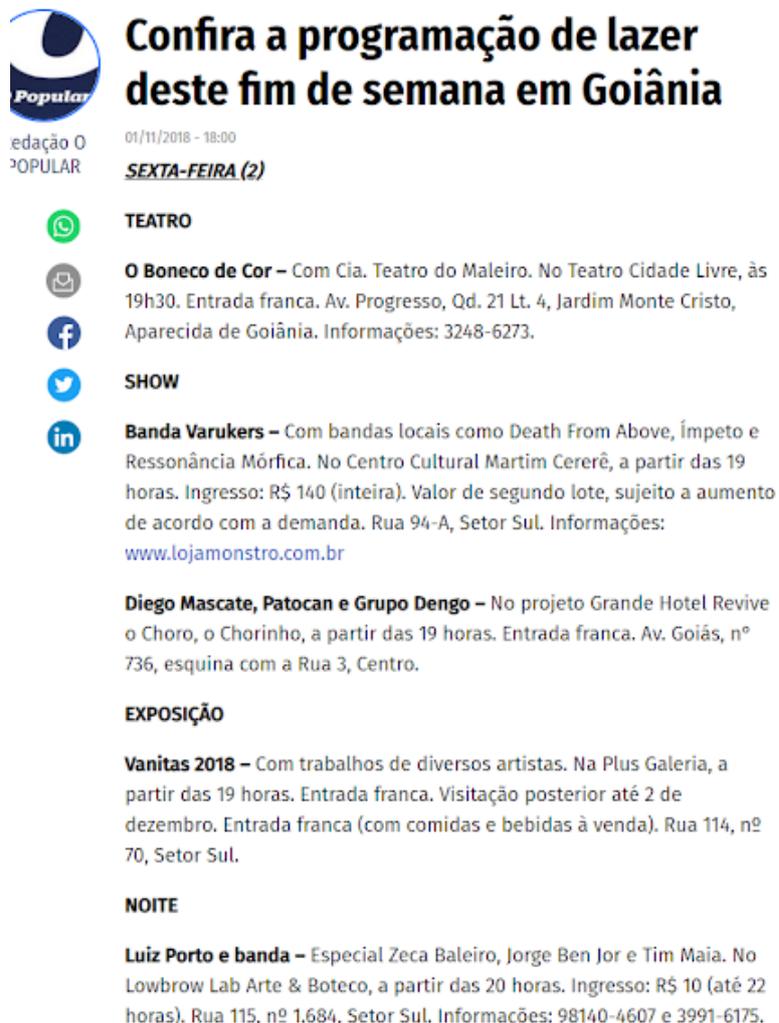
Há, portanto, uma carência na quantidade e qualidade das matérias de divulgação do evento. A quantidade de matérias demonstra a falta de interesse em divulgar eventos culturais gratuitos. Além disso, duas delas são pouco chamativas e focam mais nas bandas do que no evento em si. Uma delas, a primeira analisada, sequer explica o que é o evento. Dessa forma, falta informações para atrair o público que não conhece o que é o Chorinho. Apesar disso, a última traz debates interessantes que, justamente como foi dito nessa análise, conseguem levantar um debate interessante sobre segurança pública e ocupação dos espaços.

5.3 Matérias sem foco no evento

Outro tipo de matéria que se refere ao Chorinho é quando o mesmo é citado de forma indireta. Nessas, embora o foco seja algum outro assunto, o evento aparece de alguma forma. Essas matérias não o têm como protagonista e atraem pouco. Como já dito anteriormente, um evento com tamanha possibilidade de promoção da convivência e expressão deveria aparecer com certa constância e, de preferência, em matérias com foco em sua divulgação, o que não é caso dessas.

A maior parte das vezes em que o evento aparece no jornal O Popular nesse período foi nesse tipo de matéria: no caderno Magazine, no qual é citado em meio a outros inúmeros eventos que acontecem em Goiânia no fim de semana, sendo cinco matérias. Um exemplo delas baixo:

Imagem 5 – Matéria sem foco no Chorinho



Confira a programação de lazer deste fim de semana em Goiânia

01/11/2018 - 18:00
SEXTA-FEIRA (2)

TEATRO

O Boneco de Cor – Com Cia. Teatro do Maleiro. No Teatro Cidade Livre, às 19h30. Entrada franca. Av. Progresso, Qd. 21 Lt. 4, Jardim Monte Cristo, Aparecida de Goiânia. Informações: 3248-6273.

SHOW

Banda Varukers – Com bandas locais como Death From Above, Ímpeto e Ressonância Mórfica. No Centro Cultural Martim Cererê, a partir das 19 horas. Ingresso: R\$ 140 (inteira). Valor de segundo lote, sujeito a aumento de acordo com a demanda. Rua 94-A, Setor Sul. Informações: www.lojamonstro.com.br

Diego Mascate, Patocan e Grupo Dengo – No projeto Grande Hotel Revive o Choro, o Chorinho, a partir das 19 horas. Entrada franca. Av. Goiás, nº 736, esquina com a Rua 3, Centro.

EXPOSIÇÃO

Vanitas 2018 – Com trabalhos de diversos artistas. Na Plus Galeria, a partir das 19 horas. Entrada franca. Visitação posterior até 2 de dezembro. Entrada franca (com comidas e bebidas à venda). Rua 114, nº 70, Setor Sul.

NOITE

Luiz Porto e banda – Especial Zeca Baleiro, Jorge Ben Jor e Tim Maia. No Lowbrow Lab Arte & Boteco, a partir das 20 horas. Ingresso: R\$ 10 (até 22 horas). Rua 115, nº 1.684, Setor Sul. Informações: 98140-4607 e 3991-6175.

Fonte: Site O Popular, 2019

As notícias deste caderno dão pouca visibilidade por serem curtas e não terem como foco a divulgação específica do Chorinho, mas de uma agenda cultural da cidade. Novamente o nome das bandas é citado com maior visibilidade que o evento, sendo elas o principal foco, inclusive em negrito.

Pode-se perceber que nesse tipo de matéria o evento está em meio a diversos outros, em sua maioria pagos, ou seja, de lazer privado. Nesse sentido, conforme observa Silva (2009) os espaços públicos estão em desaparecimento, sendo uma de suas causas a

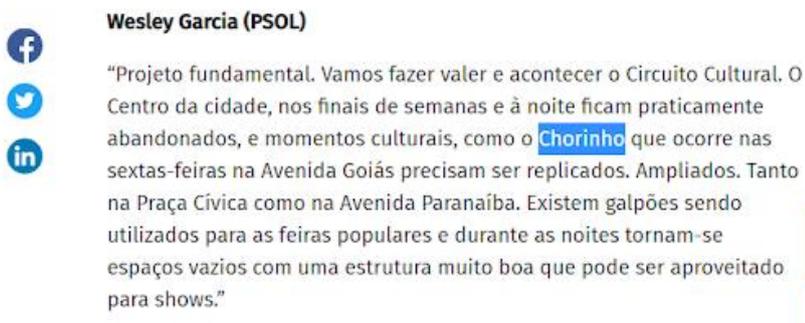
privatização desses espaços. Dessa forma, é possível notar nessas matérias a quantidade de opções de lazer privado comparadas às gratuitas.

Embora totalize 5 das 13 vezes em que o evento foi citado no período, ainda é um número baixo, se levarmos em conta a quantidade de vezes que o evento aconteceu durante o período analisado, já que é semanal, e o seu porte, que chega a levar até 2000 pessoas para as ruas do centro. Ou seja, o que se percebe é que, mesmo na agenda cultural, que tem como foco divulgar eventos que acontecem na cidade, ele não aparece com tanta frequência. No período analisado, em cerca de 50 edições, foram 5 aparições na agenda.

Além disso, essa coluna tem um público mais específico, pois não dá muitas informações sobre o evento, até pelo seu formato, já que não tem espaço para maiores detalhes, como o que é o evento ou se acontece sempre, então é realmente mais voltada para quem já conhece ou está procurando algo conhecido para fazer no fim de semana. Dessa forma, há pouca estimulação da participação do público que não conhece o Grande Hotel Vive o Choro.

Ainda nesse tipo de matéria que não tem foco no chorinho, temos outras duas citações. A primeira delas é em meio ao debate político sobre o tema cultura, no qual Wesley Garcia, pré-candidato a governador pelo PSOL, lembra do abandono do centro da cidade no fim de semana, citando o Chorinho como um bom exemplo de medidas culturais para ocupar esse espaço abandonado.

Imagem 6 – Matéria sem foco no evento – Debate político



Fonte: Site O Popular, 2019

Outra citação é em meio a situação do Grande Hotel (prédio que sedia o chorinho e ponto cultural da cidade). Da mesma forma que a citação anterior, o chorinho é coadjuvante na notícia e é citado sem grandes discussões. Mais uma vez, assim como nas citações no caderno Magazine, não há preocupação em dar maior visibilidade ou discutir quaisquer pautas relacionadas ao evento, até por não ser o foco dessas matérias.

Imagem 7 – Matérias sem foco no evento 3

Construção é símbolo art déco

Inaugurado em janeiro de 1937, quase quatro anos após a fundação de Goiânia, o Grande Hotel foi o primeiro imóvel do tipo na cidade. O local foi construído sob influência do movimento art déco e sediou bailes e reuniões de negócios no início da vida da cidade e serviu como hospedagem para políticos e figuras importantes que visitavam a nova capital do Estado de Goiás. Em 1991, houve o tombamento do edifício como Patrimônio Histórico de Goiás, como bem integrante do patrimônio art déco no Estado.

Atualmente, o Grande Hotel não está em pleno funcionamento e tem parte das salas ocupadas por funcionários do INSS. Além disso, conta com atividades pontuais, como as oficinas realizadas pelo centro cultural que leva o nome do imóvel. Às sextas-feiras, sua parte externa recebe o projeto Grande Hotel Revive o Choro, o “Chorinho”.



Fonte: Site O Popular, 2019

Nesse sentido, é necessário analisar quantas vezes o evento aparece de forma tão pouco visível nas mídias digitais do O Popular. O total de matérias nas quais o Chorinho é citado nesse período é de 13, 7 delas estão nessa categoria, ou seja, 53,7% das vezes em que o evento aparece no jornal é em citações de pouca visibilidade ou em meio a outros assuntos, sem foco direto no evento em nenhum dos dois casos.

Como podemos perceber, a maior parte das vezes que o evento apareceu no jornal foi em matérias que nem tinham como foco o Chorinho, ou seja, é notável que não há interesse e engajamento da grande mídia em divulgar esse evento, mesmo que já seja consolidado no cenário cultural goiano. Conforme Magrini (2013) nota, a mídia tem alto poder de convencimento para afastar as pessoas dos espaços criando a sensação de insegurança. É possível, portanto, supor que esse poder de convencimento pode ser utilizado, também, para ocupar esses espaços.

Magrini (2013) lembra que existem alguns grupos que lucram em cima da dessa sensação de insegurança, sendo um deles a mídia. Graham (2011) observa que a mídia se beneficia dessa sensação porque se sustenta através dos espaços publicitários, ou seja, lucram ao vender eventos privados, carros, condomínios hiperseguros e mais. Dessa forma, não é interessante divulgar eventos públicos que possam mudar essa imagem e estimular a convivência social e expressão, pois isso acarretaria em perda de lucro para esse setor.

O pouco interesse em divulgar esse evento ficou claro até agora. Além de poucas matérias sobre o evento, a maioria das que o citam sequer o tem como ponto central. Na verdade, o colocam em meio a diversos outros eventos - em sua maioria privados - que acontecem na cidade.

5.4 Matérias dos acontecimentos violentos

O terceiro tipo de matéria no qual o evento sai nas mídias digitais são matérias com relação direta com o evento, mas ligadas a acontecimentos violentos no local. Durante o período analisado, foram duas matérias sobre o tema, sendo as duas do mesmo acontecimento, como é possível observar nas imagens abaixo:

Imagem 8 – Matéria acontecimento violento

Jovem é assassinado durante o Chorinho, no Centro de Goiânia

Relatos de testemunhas indicam que o crime pode ter sido uma execução

26/10/2018 - 22:20



Um jovem foi assassinado na noite desta sexta-feira (26) durante sessão do Chorinho, evento de música realizado em frente ao Grande Hotel, na Avenida Goiás, no Centro de Goiânia. Relatos de testemunhas indicam que o crime por ter sido uma execução.

Segundo pessoas que estavam no local, por volta das 21h um homem chegou com um revólver de calibre 38 e sem dizer qualquer palavra efetuou três disparos contra a vítima. Um dos tiros acertou a cabeça do rapaz. O Corpo de Bombeiros chegou a ser acionado, mas constatou o óbito da vítima no local.

O rapaz alvejado não portava documentos e ainda não foi identificado, mas teria por volta de 16 anos. O autor do crime também não foi identificado até o momento. A sessão do Chorinho que estava sendo realizada foi cancelada.

Organizador do evento, o produtor cultural Carlos Brandão disse que o ataque foi repentino. "O homem chegou, apontou para a cabeça do garoto e disparou", relatou. de acordo com ele, viaturas da Polícia Militar passam com frequência pelo local, mas ainda assim o Chorinho costuma ser alvo de pessoas "que vão só para praticar violência".

Esse não foi o primeiro homicídio cometido no Chorinho neste ano. Em 16 de fevereiro, Roberto Rodrigues da Fonseca Nardi, de 39 anos, também [morreu ao ser baleado](#) durante o evento.

Fonte: Site O Popular

Imagem 9 – Matéria acontecimento violento 2

Jovem assassinado no Chorinho tinha passagens pela polícia e estava solto há uma semana

Ítalo Perdigão, de 19 anos, contava, em sua ficha policial, com crimes como tráfico de drogas, porte ilegal de arma de fogo e roubo

27/10/2018 - 12:44



Chorinho, na avenida Goiás: dois homicídios em 2018 (Foto: Foto do leitor)

O jovem Ítalo Perdigão Grabowski, de 19 anos, morto com um tiro na cabeça, na noite da última sexta-feira (26), durante o Chorinho, evento realizado na avenida Goiás, no Centro de Goiânia, tinha passagens pela polícia e estava solto há uma semana. As informações são da Polícia Militar do Estado de Goiás (PM-GO).

Segundo a corporação, o rapaz tinha em sua ficha policial crimes como tráfico de drogas, porte ilegal de arma de fogo e roubo.

O autor adentrou o espaço, que geralmente recebe cerca de mil pessoas, em uma moto e efetuou quatro disparos contra Ítalo. Atingido, o jovem não resistiu aos ferimentos e morreu no local.

INSEGURANÇA

A Delegacia Estadual de Investigações de Homicídios (DIH) será responsável pela apuração do caso, que não é o primeiro a ocorrer neste ano no Chorinho. Em 16 de fevereiro, Roberto Rodrigues da Fonseca Nardi, de 39 anos, também morreu ao ser baleado durante o evento.

Ao POPULAR, o organizador do evento, o produtor cultural Carlos Brandão, afirmou que o ataque foi repentino. "O homem chegou, apontou para a cabeça do garoto e disparou", relatou.

Ainda de acordo com Brandão, viaturas da PM-GO e da Guarda Civil Metropolitana passam com frequência pelo local, mas ainda assim o espaço costuma ser alvo de pessoas "que vão só para praticar violência".

Fonte: Site O Popular

As notícias compartilham parte do texto, sendo a segunda com mais informações. Em ambas as notícias há menção a insegurança do local e citam inclusive eventos passados. Logo de início, o título é bem chamativo: “Jovem é assassinado no Chorinho, no centro de Goiânia”. Em uma sociedade que, como Porto (2010) observa, trata a violência como produto e espetaculariza esses acontecimentos, essa matéria terá uma repercussão poderosa. Além disso, a autora afirma também que mesmo pessoas que nunca sofreram violência a internalizam como se o tivessem, ou seja, passam a viver como se o ato violento houvesse acontecido consigo. Dessa forma, a repercussão dessa matéria, que não levanta maiores discussões sobre segurança pública, pode levar as pessoas a se afastarem do evento.

Diferente das notícias do tópico de divulgação, por exemplo, apresentam a localização logo no título. Há todas as informações para o leitor que não conhece o evento, falam o que é o chorinho (diferente da primeira matéria de divulgação, por exemplo, que não fala nem que se trata de um evento de música), onde fica, quem foi assassinado, qual a idade. Dessa forma, em comparação com as notícias de divulgação, que eram mais nichadas, essas conseguem abranger um público mais amplo.

O Chorinho aparece pouco na grande mídia para divulgação e em boa parte das outras vezes que aparece é relacionado a acontecimentos violentos ou em matérias que não tem o evento como foco, então as matérias mais chamativas são as dos acontecimentos violentos. Essas matérias conseguem chamar a atenção porque, como foi observado por Porto (2010), vivemos em uma sociedade que, com o surgimento das novas tecnologias, houve uma espetacularização da violência. Dessa forma, a repercussão das matérias sobre acontecimentos violentos é maior que as outras.

Se o evento fica marcada por uma imagem ruim, então passa a ser desocupado e, assim como observa Porto (2010) e Garland (2008), esse processo mediado pela mídia traz como solução a segurança privada, ou seja, nesse contexto de eventos gratuitos e públicos, as pessoas buscarão os eventos privados, pois se sentirão mais seguros nesses locais.

Magrini (2013, p.66) considera que a mídia tem papel importante nas representações sociais de cidade insegura e observa que é lucrativo tanto para ela como para empresas investir na veiculação dessas notícias. Para a autora, mesmo que não seja um trato oficial, esses agentes (mídia e empresas) trabalham mutuamente para a manutenção dessa imagem de insegurança nas metrópoles. É notável pela quantidade de matérias que o acontecimento violento teve uma divulgação maior do que as muitas outras edições do evento no período.

Cerca de 50 edições do evento tiveram apenas 3 matérias de divulgação e um acontecimento violento teve 2 matérias, o que deixa evidente o maior interesse do jornal em divulgar esse tipo de conteúdo. A violência simbólica, conceituada por Bourdieu (2007), é um tipo de violência mais difícil de perceber e pode ser, por exemplo, a invisibilidade de determinados conteúdos na mídia em detrimento de outros. Nesse sentido, fica claro que nesse caso houve maior esforço em cobrir e divulgar o acontecimento violento do que as edições em que não aconteceu esse tipo de situação.

Como pode ser observado nas matérias, elas possuem imagem do evento cercado por viaturas e bem ampla. De todas as notícias, essa e a reportagem sobre segurança pública (na categoria divulgação) são as únicas que trazem imagens do evento em si, não das atrações. Nessa, entretanto, a imagem do local é a imagem de capa, sendo que na outra é no corpo do texto.

A segunda matéria tem ainda problemas na forma como tratou o homicídio. Em seguida ao nome da vítima, como se justificando o acontecimento, fala que o jovem morto já tinha passagem pela polícia e estava solto havia uma semana. Traz também a idade e nome do jovem assassinado, que tem 16 anos.

Além disso, as duas matérias destacam uma frase do organizador, Carlos Brandão, que parece normalizar a violência no espaço, como se fosse comum. A afirmação de que o local “costuma ser alvo de pessoas que vão só para praticar violência” é colocada de uma forma que leva o leitor a ficar assustado e receoso com local. Dessa forma, pode haver um afastamento do local e causar segregação do espaço. Caldeira (2000) observa que essa modificação da vida pública, ou seja, o afastamento da vida em sociedade, causam ainda mais segregação e insegurança. Nesse sentido, isso entra no ciclo que Porto (2010) cita, no qual o consumo da violência nos veículos midiáticos passa a se tornar também parte da sua produção. Sendo assim, se as pessoas se afastam do evento e, como mostrado, isso o torna mais inseguro, então o consumo dessas notícias passa a ser parte do processo da produção da violência, ou seja, a mídia afeta e aumenta a insegurança desses espaços.

Ambas as notícias não trazem maiores discussões sobre a segurança do local, medidas que serão tomadas para que não aconteça ou cobranças com relação aos órgãos públicos de segurança. Além disso, não trazem informações relevantes sobre a estrutura do evento, que conta com boa iluminação, estrutura e policiamento. Conforme nota Silva (2009), todas essas características agregam na segurança dos locais, embora não sejam somente elas o que tornam um local seguro. Poderiam ser citadas para que, na discussão da

segurança do espaço, não ficasse parecendo aos leitores que o Chorinho não conta com uma estrutura adequada ou que não se preocupa com a segurança dos frequentadores.

Do total de 13 notícias em que o evento é citado, duas delas são sobre acontecimentos violentos, representando 15,28% do total. O mesmo acontecimento teve duas matérias completas no site, enquanto em cerca de 50 edições foram apenas três de divulgação com foco no Chorinho. Houve maior participação dos veículos nesse único acontecimento do que na divulgação das outras edições, ou seja, ficou claro o interesse maior em cobrir matérias de violência do que em divulgar e incentivar a participação de mais pessoas.

5.5 Observações gerais sobre as matérias

A tabela seguinte representa a divisão da quantidade de vezes em que o Chorinho apareceu nas mídias digitais do O popular de acordo com as divisões apresentadas anteriormente:

Divisão	Porcentagem
Matérias de divulgação	3 matérias (23,8%)
Matérias sem foco no evento	8 matérias (53,7%)
Matérias de acontecimentos violento	2 matérias (15,28%)

Como visto nos tópicos acima, o evento aparece muito pouco se considerarmos a quantidade de vezes que aconteceu durante o ano (cerca de 50) e público que frequenta (chegando a 2000 pessoas).

Além disso, é importante que esse tipo de evento seja divulgado porque se encaixa dentro do conceito de espaço público de Bauman (2009), ou seja, é um espaço aberto para todos, sem restrição de acesso e é um ambiente propício para promover a convivência, expressão e demais vivências da vida em sociedade. Esse tipo de convivência é de extrema importância porque, como nota Frattari (2009), a falta de convivência pode levar a evitação social, segregação e até mesmo ao ódio.

Sendo a existência de espaços como esse tão importante, é notável que há uma carência de matérias que divulguem o evento, pois elas estão quase no mesmo número das de acontecimentos violento. No período analisado, como já foi dito, foram cerca de 50 edições do Chorinho e três matérias de divulgação, mas um acontecimento violento teve quase a mesma quantidade de matérias.

Como observado por Bordieu (2003), violência simbólica é mais difícil de ser notada, mas não menos agressiva. A divulgação de determinadas matérias em detrimento de outras é um passo que pode colocar algumas no conhecimento e outras no desconhecimento. Dessa forma, se consideramos que o evento pouco aparece e um acontecimento violento tem quase o mesmo número de matérias veiculadas que as para divulgação, então podemos perceber que há maior interesse na divulgação do acontecimento violento do que no Chorinho em si. Magrini (2013) e Porto (2010) notaram em suas pesquisas, que a mídia tem interesse na manutenção do sentimento de medo da população e, no período analisado nessa pesquisa houve, de fato, um investimento maior no acontecimento violento do que na promoção desse espaço público de lazer.

As matérias que deveriam convidar o público são pouco atrativas e, por vezes, colocam as bandas com maior foco que o evento. As de acontecimentos violentos, ao contrário, o colocam foco. Além disso, das 13 citações em um ano, a maioria delas estão na seção magazine em meio a outros eventos (em sua maioria privados), sem foco no Chorinho, ou são citações em meio a outros temas. Essas matérias não explicam, por exemplo, o que é o Chorinho, qual a constância dele, sua história e o que representa na cidade, nem qualquer informação mais detalhada sobre o evento. Por não conter mais detalhes, acaba atingindo só quem já conhece, pois seu formato não permite explicar mais.

Sendo assim, o que ficou claro é uma carência de divulgação mais constante, que apresente o Chorinho como foco. Dessa forma, quando houver acontecimentos violentos, as pessoas já saberão que o evento ocorre a muito tempo e que não é cotidiano esses atos de violência. Além disso, trazer informações que demonstrem que conta com uma estrutura adequada, policiamento e boa iluminação.

O evento, que acontece em um espaço público e que, como dito por Bauman (2009), esses locais conseguem exprimir o que há de único na vida urbana e podem incentivar a interação e expressão, deveria ter maior visibilidade na mídia. Como dito por Porto (2010), as pessoas passaram a vivenciar as violências vistas constantemente na mídia como se tivessem, de fato, acontecido com elas. O incentivo da participação em eventos públicos e contato com a cidade pode trazer uma experiência real e, dessa forma, com uma experiência prévia, trazer um contraponto a essas informações. Além disso, a convivência em espaços plurais como esse pode evitar os males que a segregação causa nos indivíduos, que podem ir de evitação até o ódio, como observado por Frattari (2011).

O jornal poderia, por exemplo, trazer mais matérias como a discussão sobre segurança pública, que debate a violência nos espaços de lazer, a ocupação desses espaços e mais.

6. Grupo focal

A pesquisa foi feita com dois grupos focais compostos por 7 integrantes cada. Por grupos focais se entende, segundo Berg (1998), um diálogo com pequenos grupos sobre temas específicos. Os dois utilizados nesta pesquisa foram divididos em pessoas que participam do Chorinho e pessoas que nunca foram. Nesse sentido, a intenção é comparar o que elas pensam do evento, qual sensação a matéria desperta, se iria ao evento a partir delas.

O primeiro grupo, de pessoas que frequentam o chorinho, foi selecionado escolhendo primeiro uma pessoa que frequenta o local e pedindo indicação de outras pessoas que frequentam e pudessem participar. O segundo foi selecionado da mesma forma, escolhendo alguém que nunca foi ao evento e pedindo indicação de outras pessoas. Esse método de seleção amostral é conhecido como bola de neve. Além disso, conforme respondido por Carlos Brandão, o idealizador do evento, ele estima que a maior parte do público do Chorinho tenha entre 20 e 40 anos, portanto os participantes de ambos o grupo estavam nessa faixa etária.

O local para esse diálogo foi no Sala 4 da Faculdade de Informação da Universidade Federal de Goiás, local sem interferência de terceiros e com fácil acesso. Além disso, todas as informações da pesquisa foram mantidas em sigilo absoluto, sendo usadas apenas para finalidade acadêmica.

De acordo com a análise das matérias em que o evento é citado, elas se dividem em três tipos: de divulgação, sem foco no evento e com foco em acontecimentos violentos. Dessa forma, como o segundo tipo representa a maior parte dessas matérias, foi esse o critério estabelecido para a seleção das matérias que foram apresentadas aos grupos: dentro do número de matérias que serão lidas, respeitar a quantidade de cada um desses tipos. Foram apresentadas um total de 4 matérias: uma de divulgação, duas sem foco no evento e uma de acontecimento violento.

A metodologia para guiar os grupos focais foi feita tentando deixar os participantes dos grupos o mais livre possível para se expressar. Dessa forma, os passos foram os seguintes: apresentar o tema de pesquisa e pesquisador, apresentação do grupo e, por fim, apresentação das matérias selecionadas de acordo com cada categoria.

A partir da análise das matérias e dos grupos focais serão traçados paralelos entre os mesmos. Dessa forma será possível entender melhor os sentidos que as matérias veiculados

passam. Nesse sentido, será possível compreender se essas matérias de divulgação conseguem, de fato, chamar as pessoas para o evento, qual matéria chama mais atenção e outros. Também será possível compreender qual a percepção das pessoas que não frequentam o espaço sobre ele com base nas matérias e qual a percepção de pessoas que já frequentam, se sentem que as matérias são, de fato, compatíveis com o que pensam do evento.

6.1 Matéria de divulgação

Quando apresentados para a matéria que divulga o evento, a maior parte dos participantes grupos focal que nunca foi ao chorinho achou que não despertava interesse para o evento e faltava informações que chamassem mais atenção, ou até que explicasse melhor o que é o evento.

A crítica esteve muito associada ao que, como foi visto na análise das matérias, tem no conteúdo dessas matérias: o foco delas são as atrações, não o evento em si. No grupo focal com pessoas que nunca frequentaram o evento, principalmente, sentiram falta de uma explicação do que é o Chorinho. A matéria inicia com o seguinte texto: “O Grande Hotel Vive o choro, mais conhecido como Chorinho, será realizado nesta sexta-feira (...)”. Dessa forma, para pessoas que não tem contato prévio ou desconhecem o evento, a matéria não chama atenção e tampouco dá maiores informações sobre o evento, como deixar claro que é um evento de música logo no início.

É uma matéria que não chama atenção, é muito mais informativa do que, de fato, dizer o que é o evento. Assim, de supetão, eu veria a matéria e iria pular ela. (A, 26 anos)

Uma das soluções para esse problema poderia ser, por exemplo, traçar a importância cultural que o Chorinho tem em Goiânia, fazer uma retrospectiva histórica do evento. Trazer, por exemplo, as características que um espaço público de lazer oferece. Como nota Bauman (2009), esses espaços aumentam a expressão, convivência e diálogo. Além disso, como dito por Frattari (2009), a segregação pode levar ao ódio e evitação social, logo, espaços que incentivam a convivência como o Chorinho, podem fazer o oposto. Dessa forma, essas matérias poderiam se tornar mais atrativas para o leitor que não conhece o evento.

Principalmente para o grupo de pessoas que nunca havia ido ao evento, que tinha algumas pessoas nem o conheciam, essa falta de informações da matéria foi um ponto bastante citado, como pode ser visto nos trechos abaixo ditos durante a conversa:

Eu acho que é pra um grupo específico, pessoas que já conhecem o chorinho, sabem o que é ou pelo menos tem alguma noção que lá é um lugar de shows. Porque ela me remete muito a um review de filme. Se você não tá interessado em ver o filme, ela não vai te fazer querer ver o filme. (...) Sabe, não dá vontade de conhecer. É pra quem já conhece ou tem uma visão prévia do que seria o chorinho. (G, 25 anos)

Eu tenho que concordar, porque até o título da matéria não fala nem que é show, tem magazine em cima e já fala: diego mascate, patocan e grupo dengo no chorinho (L, 19 anos)

Guilherme: Exatamente. Se você não conhece nem o que seja isso, pode ser qualquer coisa. Não fala nada, sabe? Pode ser qualquer lugar (...) Chorinho é um show? Chorinho é um cantor? Chorinho é um artista? (G, 25 anos)

Eu acho que realmente faltou mais... (A, 27 anos)

Mais informações, o que é o chorinho? O jornal qualquer pessoa compra, pode acessar. Ela escreveu essa matéria por um motivo específico e, se não tem tanta informação, é porque não é pra ter. A gente conhece esse perfil de pessoa que ela escreveu o texto (pessoa que conhece o chorinho). (G, 25)

Talvez se ela colocasse embaixo do título: evento quinzenal que acontece em frente ao Grande Hotel (L, 19)

De fato, essa percepção de que a matéria serve para um público específico ficou clara quando, a mesma matéria, apresentada no grupo focal de pessoas que já conhecem o Chorinho, achou a matéria atrativa. Dessa forma, por já conhecerem o evento, eles acharam interessante porque não necessitavam das informações extras, porque já se interessam pelo Chorinho e não precisam que expliquem o que é, como funciona e mais.

Eu acho que é bastante descritiva...E convida mesmo, você consegue ter uma ideia da atmosfera que vai ser (L, 22 anos)

É... é bem descritiva. Não tem música que eu gosto, mas caso eu gostasse, se trocasse por bandas que eu goste, eu poderia ir.... (S, 20 anos)

Dessa forma, é interessante notar, que como dito por Guareschi (2010), as representações sociais são conhecimento partilhados, mas ainda assim possuem lutas e conflitos internos. A percepção desses dois grupos da matéria, através da sua vivência, foi diferente. Sendo assim, a ancoragem deles em relação ao que foi reproduzido partiu do conhecimento prévio e, portanto, quem já conhecia o evento e não precisava de grandes

explicações da matéria, achou a matéria convidativa. Quem não conhecia e necessitava de maiores explicações, achou ela pouco atrativa.

6.2 Matérias sobre acontecimento violento

A matéria seguinte apresentada para os dois grupos foi a do assassinato ocorrido no local. A percepção do grupo de pessoas de que nunca frequentou o Chorinho é de que a matéria tem mais informações, gera maior choque e traz uma carga negativa para o evento. Com o conhecimento dessa matéria, os participantes desse grupo se mostraram assustados e relataram que não iriam ao local por conta do medo. Dessa forma, conforme observado por Silva (2009), a crescente insegurança percebida pela população tende a afastar as pessoas da rua. Dessa forma, no grupo focal foi possível perceber que a ancoragem dessa matéria foi de uma representação de medo e insegurança, portanto, eles se afastariam do evento.

Ela poderia ser simplesmente uma reportagem policial. Mas eu acho que ela traz uma carga negativa pro evento quando ele coloca a questão de que “mas ainda assim o Chorinho costuma ser alvo de pessoas que vão só para praticar violência” (A, 26 anos)

Lá é um covil de pessoas assassinas, parece que é isso que ele fala. (...) (G, 25)

Ainda assim, de acordo com a evolução da discussão, foram estabelecendo pontos de comparação com a matéria de divulgação que foi apresentada antes. Nesse sentido, perceberam que essa já traz uma retrospectiva de acontecimentos no evento, a chamada é chocante e chama mais atenção, tem uma foto ampla do evento.

Essa matéria é o oposto da outra que a gente viu. Seja pela formatação, pelo tamanho. Ela é matéria com foto, ela chama mais atenção. Antes de ler, o título dela: Jovem assassinado no Chorinho. A outra é não sei o que, não sei o que, não sei o que, chorinho. Essa daqui já traz palavras chaves importantes. (...) É mais vantajoso vender essa que a outra. Vender coisa ruim da cultura do que vender as coisas boas, fazer as pessoas conhecerem, seja lá qual seja o motivo da escolha (G, 25)

Nessa fala foi possível perceber que há alguma percepção do contexto mais geral em que os eventos culturais estão inseridos. Assim como Garland (2008) observa que a mídia normaliza e investe emocionalmente na sensação de insegurança, este grupo percebeu que houve maior empenho em divulgar essa matéria do que as outras. Dessa forma, assim como dito na fala, é mais vantajoso vender os aspectos ruins da cultura, o que também é observado por Magrini (20013), que afirma que a mídia tem papel importante na produção e

disseminação das representações de cidades inseguras. O grupo também percebeu a diferença no trabalho de resgate histórico e impacto das imagens colocadas. A retrospectiva histórica nas matérias de divulgação é feita somente em duas delas, como observado na análise, na entrevista e na divulgação do show de um ano da volta do chorinho.

O público que é alvo dessa matéria também é lembrado pelo grupo focal. Das matérias de divulgação, apenas duas oferecem mais informações, a outra é bem reduzida e, por isso, por essa falta de informações importantes para quem não conhece o evento, acabam atingido apenas quem já o conhece. Já essa, a do assassinato, acaba atingindo todo mundo, pois choca e cria identificação com os leitores.

E a foto? A foto é assustadora, né? Um monte de viatura, um monte de policial e uma área cercada. Também tem data, outro acontecimento, local, outro assassinado, no outro não resgata outros shows, nada. Aí fala mais do chorinho que no outro. (L 20 anos)

Na outra matéria, soou como se o Chorinho fosse receber um show, que poderia ser em qualquer outro lugar, porque é só mais um show. Já nessa não, aconteceu um assassinato lá (...)tem até o nome do cara que organiza, no outro ninguém sabe quem é. Ninguém sabe nem o que é. Nesse já fala exatamente o que é, quem organizou, qual tipo de arma usada, quantos tiros, idade... tem muitos mais dados pontuais. A outra matéria era só pra um nicho, essa tem tanto dado pra atingir todo mundo. Então se você sabe o que é uma arma 38 e ler essa matéria, vai se identificar...Uma mãe com filho de dezesseis anos, vai ler e se identificar. Então tem muito mais dados pontuais pra pegar o máximo de gente possível. A outra, por exemplo, tem bem menos dados pra atingir um público específico. (G, 25 anos)

A outra, que era pra chamar, não conseguia chamar, não conseguia mostrar o que era. Essa, que é pra afastar, já te fala: tal dia, tal horário, tem o que... não vá. (V, 20 anos)

É perceptível que há uma espetacularização da violência na sociedade, conforme afirma Porto (2010). No levantamento das matérias isso ficou claro quando, no período de um ano, as de divulgação estavam quase na mesma quantidade de um acontecimento violento. Dessa forma, é notável que não há o mesmo investimento para cobrir e divulgar o evento, pois em cerca de cinquenta edições do evento, foram apenas três matérias de divulgação específicas para o Chorinho, em comparação as duas de um único acontecimento violento.

Conforme mostra Garland (2008), após o investimento na sensação de insegurança há a culpabilização dos órgãos públicos e, conseqüentemente, o investimento no setor privado de segurança. Dessa forma, o grupo focal percebeu que a matéria não fez nenhum levantamento sobre as competências do evento para a segurança dos frequentadores, como uma boa circulação de pessoas e boa iluminação, que aumentam a segurança do local, como

foi observado por Silva (2009). Sendo assim, como não há explicações sobre isso, fica vago para que o leitor possa tirar suas próprias conclusões, podendo inferir que o evento não oferece uma estrutura apropriada.

(...) Ele fala tipo, por mais que tenham viaturas, é perigoso, o cara chegou e deu três tiros. Não fala nada tipo, o evento tem estrutura, é bem iluminado, tem muita gente... tem caixa, tem bar. Não traz nada de melhorias pra segurança. Não fala se é uma praça, florida. Talvez ele estivesse passando na rua... (G, 25 anos)

Acaba passando a impressão de que algo que acontece uma vez acontece sempre. (V, 20 anos)

Ainda resgata a do ano passado, tipo, não foi só essa vez, ano passado também. Só pra você ter certeza de não ir. (G, 25 anos)

É possível notar também que começam a associar eventos culturais abertos com esse tipo de acontecimento. A partir do momento em que esses eventos abertos passam a terem essa imagem de perigosos, então os ambientes fechados passam a se tornar uma opção.

Falta só um mapa ali. A foto é um local cercado, pra você ter certeza de não pisar. (G, 25 anos)

E essa matéria traz pra gente que o chorinho é um local violento. Eles falam que o chorinho é um local violento... (L, 20 anos)

E acaba tendo aquela impressõezinha. Poxa, quando tentam fazer um rolê cultural em Goiânia, acontece essas merdas. Então os próximos acontecimentos podem ficar um resquício na sua mente, tipo: ah, é rolê cultura, é aberto, então corre risco de assassinato. (V, 20 anos)

Ainda comparando as duas matérias, uma das pessoas que não conhecem o evento diz que na primeira o foco era maior nas bandas que iam tocar, já nessa é um assassinato no Chorinho, o local tem total relevância. Dessa forma, de maneira resumida, o grupo focal com pessoas que nunca foram ao evento achou essa matéria chocante e mais chamativa. De todo, mesmo com a matéria de divulgação do evento apresentada antes, compreendem que o evento tem uma imagem de perigoso.

O segundo grupo, de pessoas que já conheciam o evento, fez uma leitura diferente da matéria. Com base em suas experiências anteriores no próprio Chorinho e vivência na cidade, compreenderam que a matéria é bastante taxativa e que não corresponde ao que eles pensam e conhecem. Dessa forma, é possível perceber a importância da interação social dita por Frattari (2009), pois, ao ter contato com a realidade do evento, o grupo conseguiu fazer uma leitura mais crítica e baseada em experiências reais. Não caindo assim, na situação

descrita por Porto (2010) de pessoas constantemente alimentadas por notícias de violência que passam a internalizar como se a tivessem sofrido, mesmo que não o tenham.

Eu acho que pra gente, que sempre frequentou o chorinho... Sempre foi um lugar bem mais leve, assim. Então, nunca foi pra mim, talvez porque eu nunca presenciei nenhum tipo de violência, só ouvi as pessoas falarem. É uma coisa que distoa muito pra mim. E eu já ouvi de outras pessoas falarem “ah, porque o chorinho só vagabundo frequenta”, que já foi um lugar melhor. Mas assim, eu acho que foi uma boa introdução pra mim, que não sou de Goiânia, foi uma boa introdução do que Goiânia pode oferecer. Então eu acho que podem acontecer sim, assim como pode acontecer violência em qualquer lugar, contando que é um lugar aberto né, mas isso não tem que caracterizar o evento, sabe? Até porque é muito importante a proposta de ocupar o centro de Goiânia na sexta à noite. (LZ, 20 anos)

Eu não acho que seja uma regra, igual colocou a reportagem, de que as pessoas vão lá praticar violência. Até pode acontecer por essa questão de ser aberta, mas eu não vejo o pessoal indo pro chorinho pra trocar porrada, por exemplo. (LE, 25 anos)

Como pode ser visto, o grupo levanta também a discussão sobre a questão da cidade ser perigosa. Souza (2001) chama de fobópole uma cidade que gira em torno do medo e insegurança. Dessa forma, ficou claro que ambos grupos associavam o perigo a cidade como um todo. Percebe-se, portanto, que há uma ancoragem dessa ideia de que Goiânia é uma cidade altamente perigosa. Esse comportamento dos grupos vai ao encontro da pesquisa feita por Frattari (2011), que demonstra que os moradores de Goiânia se sentem constantemente inseguros, independente da classe social (embora essa sensação seja maior nas classes mais pobres).

Além disso, lembram também o fato de ocorrer no centro de Goiânia, local conhecido por ser abandonado durante a noite, sendo o Chorinho uma das poucas tentativas de reviver e utilizar esse espaço. Destacam que, durante os outros dias, não passariam no centro de Goiânia para andar, porque não tem nada, mas no dia do evento não sentem essa sensação de insegurança comum naquele espaço durante a noite.

Quando vai pra sociedade, a pessoa que escreve uma nota como essa, choca. Eu conheço pessoas que frequentavam o chorinho e não vão mais. “Ah, o chorinho tá tenso?”. Gente? Como assim tenso? Isso acontece em Goiânia inteira. (S,34 anos)

E eu acho que assim, o centro de Goiânia, ele tem essa característica de ser perigoso... é um espaço perigoso. Não é a mesma cidade de dia e noite, então você andar no centro as 2 da tarde é uma coisa, você andar 9 é outra... é pesado, é pesadíssimo (N, 20 anos)

Outro ponto notado na fala deles é que, além do local ser estigmatizado como violento, as pessoas que o frequentam também carregam parte desse estigma, sendo chamados de vagabundos e mais. Dessa forma, o que se nota é a estigmatização e segregação social dita por Frattari (2009), pois se há essa imagem das pessoas, então elas acabam por ser segregadas, assim como o evento.

(...) Aí infelizmente começou a carregar esse estigma. Primeira vez que aconteceu coisa de violência o povo ficou chocado, segunda também, a terceira já começou a preocupar... Ai jornal vai em cima, matéria cai em cima, ai por isso carrega esse estigma hoje em dia... Tipo assim, ser um local violento, de o povo falar que só frequenta vagabundo (H, 33 anos)

Eles notam também que os eventos culturais gratuitos em Goiânia costumam durar pouco tempo e muitas vezes acabam e param de acontecer. Citam alguns outros eventos em que consideram estigmatizados e outros que acabaram. Lembram que o próprio Chorinho já foi desativado algumas vezes. Essa observação entra dentro do que foi dito por Silva (2009), que há três processos nas cidades que o preocupa: dissolução, fragmentação e privatização. O grupo focal observa que diversas vezes o Chorinho teve suas atividades interrompidas, em um processo de dissolução. Além disso, citam outros eventos gratuitos da cidade que passaram pelo mesmo processo.

Todos esses eventos culturais mais acessíveis sempre são marginalizados, sempre acontece alguma coisa. A impressão que você tem é que, por ser acessível, ele vai ser marginalizado. (S, 20 anos)

E sempre que acontece alguma coisa, é que nem eu já falei, esse problema de violência já acontece aqui. E sempre que acontece esses problemas assim, tem uma chance enorme do evento ser cancelado e não voltar. O chorinho mesmo, deve ter um ano que ele voltou, mas a última vez antes disso que eu tinha ido no chorinho foi no Ensino Médio eu tinha 16 anos e era na rua do lazer ainda. (N, 20 anos)

O que se observa é que o grupo de pessoas que não conhecem o evento ficou chocado e com medo quando foram apresentados a matéria de acontecimento violento. Ainda assim, esse mesmo grupo também conseguiu traçar um paralelo com a matéria anterior, percebendo que nessa houve um trabalho maior de apresentar o evento, buscar dados e outros. Além disso, consideraram esta matéria mais chamativa e chocante.

O segundo grupo, de pessoas que já tiveram experiência no evento, conseguiram fazer uma leitura melhor e comparar com suas experiências. Dessa forma, não concordaram com algumas colocações da matéria, além de achar que ela não representa a experiência

deles no Chorinho. Percebem também que há um ataque a todos os eventos gratuitos e acessíveis da cidade, sendo este um dos poucos que resistem.

Além disso, foi interessante perceber a representação social já ancorada na sociedade de que as cidades são perigosas em ambos os grupos, que citam Goiânia como um local muito perigoso, não sendo somente o Chorinho.

6.3 Matérias que citam o chorinho, mas sem foco no evento

A outra matéria apresentada para a discussão têm como foco a história do Grande Hotel. Têm início contando a sua importância para a cidade, que era um ponto turístico antigamente, até o funcionamento atual do local, momento no qual é citado o Chorinho, que acontece lá todas as sextas. Essa matéria teve uma recepção positiva em ambos os grupos focais. Embora não tenha o evento como protagonista, o fato de trazer uma retrospectiva de um prédio importante para a história Goiana chama a atenção, embora não propriamente para o evento.

Eu sabia que o chorinho acontecia no lugar lá, só isso. Agora atribui um significado ao grande hotel. É como se me dissesse: gente, olha como o grande hotel é legal. Ele já foi isso, já foi aquilo, ele significa isso pra história de Goiânia e pro povo goiano. E lá, além de tudo, ainda tem o chorinho. (L, 22 anos)

É como se o prédio fosse um centro de coisas culturais, e uma delas é o chorinho. Tem a questão museológica do hotel, art déco, foi construído na data tal. E você conhece o prédio pela questão histórica, mas tem também o chorinho. (G, 25 anos)

Se fizessem uma matéria igual fizeram com o grande hotel com o chorinho. Quando foi feito, quem fez, em que época, porque foi criado... toda essa questão histórica do evento. Porque foi colocado dentro do grande hotel. (...) Então, se colocassem essa questão histórica do evento, do evento em si, colocar o evento como parte histórica da cidade, então eu acho que teria muito mais interesse das pessoas que não conhecem. (G, 25 anos)

Dessa forma, o interesse maior nessa matéria foi no prédio para o grupo de pessoas que não conhecem o Chorinho. Até a sugestão de que possa ser feita matérias assim com o evento é dada por um dos integrantes desse grupo. Dessa forma, essa matéria consegue levantar as potencialidades do espaço público ditas por Bauman (2009), ou seja, a expressão e a convivência que esses locais podem trazer para a cidade.

O segundo grupo, de pessoas que já frequentam o Chorinho, também achou essa matéria interessante, pois agrega a cultura local. Além disso, eles percebem que o Chorinho, assim como o Grande Hotel, deveria ser tratado como patrimônio cultural da cidade.

A matéria contando a história do grande hotel é interessante. Porque em todos os estados eu vejo que, assim, tem um apego com o negócio de cultura. Tem assim, os lugares históricos. E aqui em Goiânia a gente não vê muito isso, até porque Goiânia é uma cidade nova, né. Da década de 60 pra frente que aqui expandiu. Essa matéria contando sobre a história do chorinho, do grande hotel, me dá vontade de ver (N, 20 anos)

Você fica com vontade de conhecer. Você lê a história e fica: tem isso aqui? Pera aí, eu posso ir lá? (L, 25 anos)

Justamente... O chorinho, não só o Chorinho como o Grande Hotel, não é só pra quem mora em Goiânia... Quem vir visitar a cidade: o que tem em Goiânia que não tem em lugar nenhum? Porque boate, lanchonete, você faz em qualquer lugar, mas o que Goiânia tem a oferecer que só tem em Goiânia? São essas coisas que caracterizam a gente como cidade cultural, por exemplo, o chorinho é uma coisa de Goiânia que só tem aqui (...) São os espaços culturais que vão dar a identidade da cidade. Se a gente marginaliza e periferiza essas coisas, é complicadíssimo... porque a cidade vai ficando preconceituosa. (V, 19 anos)

A segunda matéria desse presente é, à primeira vista, uma matéria de divulgação, mas não foi encaixada nessa categoria pois não tem como foco divulgar o Chorinho, mas diversos eventos que acontecem na cidade, dessa forma a visibilidade para o mesmo é pequena.

No mesmo tópico de show, porque a matéria é separada em Teatro, Show. O outro show, que tá na mesma página que o chorinho, tem o dobro de espaço. (...) Então, aí é igual a primeira, o mínimo pra quem conhece relembrar que tem, nada a mais pra contribuir. (G, 25 anos)

Só que essa daí menos ainda, né. Porque a outra ainda falava sobre quem era a atração. Essa é duas linhas só e é, de fato, pra quem não tem o que fazer e tá procurando o que fazer no fim de semana. (A, 26 anos)

Novamente o grupo de pessoas que não conhecem o evento sentiram falta de informações mais detalhadas sobre o que é, mesmo que esse não seja o foco desta coluna. Para eles, essa matéria é pouco chamativa e não convida para o evento, serve somente para relembrar quem já conhece que vai acontecer, já que não dá muitas informações sobre o mesmo.

O interessante dessa discussão foi perceber que, ao explorar as potencialidades do espaço público citadas por Bauman (2009), houve uma boa recepção de ambos os grupos. O problema é que essa matéria não tem como foco o evento, mas sim o prédio no qual ele acontece, mas mostra um caminho possível para mudar as representações dos espaços públicos. A mídia, como dito por Magrini (2013), tem alto poder de convencimento e, caso seja utilizada para promover espaços de lazer público, pode trazer bons resultados, mas,

como a autora observa, não é do interesse deles fazer esse tipo de promoção, pois lucram com a manutenção do sentimento de insegurança.

A segunda matéria desse tipo apresentada foi, ao contrário da primeira, pouco chamativa para todos. Novamente as pessoas que não conhecem o Chorinho reclamaram da falta de informações e não se interessaram no evento por essa matéria. É o tipo no qual o evento mais aparece, em meio a outros eventos (em sua maioria privados) e sem qualquer destaque. Justamente por não explorar o evento, essas matérias não conseguiram atrair as pessoas para conhecer.

6.5 Matérias mais chamativas

O primeiro grupo, de pessoas que não nunca foram ao chorinho, achou a matéria do acontecimento violento a mais chamativa e marcante. É compreensível que assim o seja porque, como dito por Porto (2010), vivemos em uma sociedade que espetaculariza a violência. Além disso, notaram que provavelmente, pelas matérias de divulgação não darem algumas informações e serem pouco atrativas, provavelmente acabariam pulando sem ler.

A do assassinato é mais chamativa... porque foi maior, mais trabalhada, falou que lá tem muita violência, que teve dois assassinatos, teve uma imagem gigantesca. (L, 20 anos)

Você olhando as matérias, visualmente só ela e a do grande hotel tem imagem, A do grande hotel trouxe imagens do grande hotel, não do chorinho em si. Então a única imagem do chorinho que tem nessas matérias é de uma faixa na rua com um monte de polícia em volta. Nada falando do que é, o que é, onde é. (G, 25 anos)

Se eu tivesse no site olhando, as duas que são de programação, eu ia pular. (A, 26 anos)

Nesse sentido, ao contrário do primeiro grupo, o grupo de pessoas que já foram ao Chorinho acham mais chamativa a matéria do Grande Hotel. Ainda assim, notam também que, caso a pessoa só conheça o evento por meio das notícias, a mais marcante seria outra.

Se qualquer um fizer o teste e conversar com alguém que não é daqui de Goiânia, dizer assim: pow, qualquer dia que vier aqui vamos no Chorinho, pesquisa ai e me diz o que você acha do local. Primeira coisa que vai te falar: pow cara, não parece um bom local. (H, 30 anos)

Mas o que chama mais atenção é o assassinato. Da perspectiva de alguém que nunca ouviu falar do chorinho, a que vai chamar mais atenção é a do assassinato. (K, 22 anos)

Dessa forma, é interessante pensar o que Guareschi (2010) diz sobre as representações sociais, que contém lutas e conflitos internos. Sendo assim, a percepção do grupo de pessoas que já foram ao chorinho de que a matéria do Grande Hotel é mais chamativa para eles vem do fato de que, ao se deparar com a matéria de acontecimento violento no local, eles conseguiram comparar com suas experiências no evento, que mostram não ser perigoso.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção dessa pesquisa foi investigar as representações sociais do Grande Hotel vive o Choro, mais conhecido como Chorinho, nos discursos das mídias hegemônicas. Em primeiro momento foram recolhidas todas as matérias que faziam referência ao Chorinho no período de 1 ano, entre 2018 e 2019, no site do O Popular.

Pode-se perceber nessas matérias que o evento, de tamanho médio (chega a levar 2000 pessoas para a rua) e que acontece semanalmente nas ruas da cidade, pouco aparece nessas mídias. Fica claro o quão pouco aparece quando se observa que, durante o período de um ano analisado, foram cerca de 50 edições, mas apenas 13 matérias fazem referência ao mesmo no período, sendo somente 3 delas focadas em divulgar o Chorinho. Dessa forma, notou-se a carência de matérias que o coloquem como protagonista, que estimulem a participação das pessoas e o mostrem como parte importante da cultura da cidade, ou seja, que de fato explorem as potencialidades de um espaço público ditas por Bauman (2009), e sejam atrativas para promover e divulgar evento. Das três matérias de divulgação em que aparece como protagonista, duas delas trazem poucas informações sobre sua trajetória e colocam as bandas como foco, deixando o mesmo em segundo plano. O grupo focal de pessoas que não conheciam o Chorinho achou essas matérias pouco atrativas para pessoas que não conhecem o evento, além de também sentirem falta de informações importantes para quem não tem conhecimento prévio.

A maior parte das matérias em que aparece não o tem como foco, mas a agenda cultural da cidade. Essas, ainda mais que as de divulgação, trazem somente informações muito pontuais e são voltadas para as pessoas que já sabem o que é, já que não apresentam maiores explicações sobre o evento. Além disso, também dão maior destaque para as bandas e colocam o Chorinho em meio a diversos outros acontecimentos culturais da semana - em sua maioria privados. Ainda assim, mesmo que não sejam atrativas e sejam para um público específico, também estão em pouca quantidade se considerarmos a quantidade de edições no período analisado. Os grupos focais foram ao encontro da análise de matérias, ou seja, demonstrou-se que não chamam atenção de quem não conhece o evento, já que o grupo que nunca foi ao local achou pouco atrativa e relatou que pularia essa matéria. Em contrapartida, o grupo que já conhecia achou a matéria um bom lembrete, pois não precisavam de maiores informações sobre o mesmo.

As matérias sobre o acontecimento violento representam 15,7% da quantidade total, totalizando duas. O número, apesar de mais baixo que as de divulgação, deve ser compreendido dentro do seu contexto. No período analisado, foram cerca de 50 edições do evento, ocorrendo uma fatalidade nesse tempo. Dessa forma, o que se percebeu foi que houve maior esforço em divulgar esse acontecimento do que em promover o evento e estimular a participação. Das mais de 40 edições em que nada ocorreu, são somente 3 matérias de divulgação focadas no Chorinho. O único acontecimento violento em uma das edições teve duas matérias noticiadas.

Essas matérias, por serem chocantes, tem uma repercussão maior, principalmente por vivermos em uma sociedade em que a violência é espetacularizada, como Porto (2010) observou. A falta de um debate mais completo, já que não levantaram nenhuma discussão maior sobre o evento como, por exemplo, ser iluminado, ter estrutura e ser policiado, faz com que as pessoas passem a ter medo do local e se afastem. Esse afastamento e, conseqüentemente, a desocupação do espaço torna o local mais perigoso. Nesse sentido, o consumo dessas matérias de violência acaba afastando as pessoas e torna o local mais perigoso, pois como foi dito por Silva (2009), a quantidade de pessoas também afeta a segurança dos locais. Além disso, é nesse contexto que se pode observar o que foi dito por Porto (2010) que “a violência passa a ser consumida num movimento dinâmico em que o consumo participa também do processo de sua produção(...)” (2010, p193).

Magrini (2009), Porto (2010) e Graham (2011) observam que a mídia se beneficia do sentimento de insegurança. Dessa forma, é necessário que, para a aumento desse sentimento, haja uma forte divulgação da criminalidade, como observou Garland (2008). O que se observou na análise das matérias foi que, de fato, há maior foco e investimento do jornal nos acontecimentos violentos.

Nos grupos focais, foi interessante perceber o que Guareschi (2010) observou sobre as representações sociais que, embora sejam conhecimento partilhado, também possuem lutas e conflitos internos. O grupo de pessoas que não conhecem o evento, achou a matéria sobre o acontecimento violento bastante chocante e expuseram o sentimento de medo que ela passa para eles. As falas sobre essa matéria sugerem que, por conta da mesma, passam a achar o local muito perigoso e, provavelmente, não o frequentariam. Em contrapartida, o grupo de pessoas que já foi ao local conseguiu fazer uma comparação da matéria com sua experiência no evento e relataram que, para eles, ela não representa o que sentem e pensam sobre o local. Embora nenhum grupo tenha recebido as matérias sem criticidade, a

experiência prévia afetou a forma como veem a notícia. Além disso, ambos os grupos falaram que a cidade é muito perigosa, não sendo somente o evento. Essas representações sociais de uma cidade insegura foram notadas por Porto (2010) e na pesquisa de Frattari (2009) em Goiânia, sendo um discurso presente em ambos os grupos, indo ao encontro com o que as autoras falam sobre a vida nas cidades.

Com essa pesquisa, portanto, o que se percebeu foi que, de fato, há maior investimento e interesse na divulgação de acontecimentos violentos do que na promoção desse espaço de lazer público. Além disso, o evento tem carência de matérias atrativas que contem sua história e que consigam, de fato, expor as potencialidades de um espaço público e chamar pessoas para o local.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, S. Exclusão socioeconômica e violência urbana. Sociologias. Porto Alegre, no.8, July/Dec. 2002, p. 84-135.

BERNARDES, Genilda & JUNIOR, Ademar. Condomínios horizontais fechados: reflexão sobre a configuração do espaço intrametropolitano de Goiânia. Sociedade e Cultura. 10. 10.5216/sec.v10i2.3142, 2007.

BRAGA, C; CAMPOS, P. H. Representações sociais, situações potencialmente comunicativas e conflito: o caso da reserva indígena raposa serra do sol. Curitiba: Apris, 2012.

BOURDIEU, Pierre. Efeitos de lugar. In: BOURDIEU, P. (Org.) A miséria do mundo, 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. O Poder Simbólico. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BAUMAN, Zygmund. Modernidade e ambivalência. Rio de Janeiro: Zahar, 1999

_____. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. Medo líquido. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008

_____. Confiança e medo na cidade / Zygmunt Bauman; tradução Eliana Aguiar. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

BERNARDES, G., & SOARES JÚNIOR, A. (2008). Condomínios horizontais fechados: reflexão sobre a configuração do espaço intrametropolitano de Goiânia. *Sociedade E Cultura*, 10(2).

CALDEIRA, T. São Paulo: três padrões de segregação espacial in: CALDEIRA, T. P. do R. Cidade dos muros. Crime segregação e cidadania em São Paulo. SP: Editora 34 / Edusp, 2000. p.211 a 255.

CASTRO, Gardene. Representações sociais de jovens de Goiânia: a negociação dos sentidos em relação aos discursos midiáticos a respeito de si. 2017.

CHAUÍ, M. Sobre a violência. In: CAMACHO, T. (Org). Ensaio sobre violência. Espírito Santo: EDUFES, 2003.

FRATTARI, Najla Franco. Insegurança: as práticas e discursos do medo na cidade de Goiânia. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

FRATTARI, N. Discursos e representações do medo da violência na cidade de Goiânia. In: SOUZA, D. (Org.). Violência urbana em Goiás. Práticas e Representações. Goiânia: Cênone Editorial, 2011. p.79-113.

_____. Sentimento de Insegurança na Cidade de Goiânia. In: SOUZA, D. (Org.). Violência urbana em Goiás. Práticas e Representações. Goiânia: Cênone Editorial, 2011. p.31-51.

GARLAND, D. A. Cultura do Controle. Rio de Janeiro: Ed. REVAn, 2008.

GUARESCHI, P; JOVCHELOVITCH, S. Introdução. In: GUARESCHI, P; JOVCHELOVITCH, S. (orgs). Textos em representações sociais. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009,

GUARESCHI, P. Representações sociais, mídia e movimentos sociais. In: GUARESCHI, P; HERNANDEZ, A.; CÁRDENAS, M. (org.). Representações sociais em movimento: psicologia do ativismo político. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

GRAHAM, S. e S. Marvin, Splintering Urbanism: Networked Infrastructures, Technological Mobilities and the Urban Condition, Nova York, Routledge, 2001.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão In: JODELET, D. (Org.). Representações sociais. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

MAGRINI, M. Vidas em enclaves. Imaginário das cidades inseguras e fragmentação socioespacial em contextos não metropolitanos. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, São Paulo, 2013.

MICHAUD, Y. A violência. São Paulo: Ed. Ática, 2001.

MISSE, M. Malandros, marginais e vagabundos: a acumulação social da violência no Rio de Janeiro. Tese (doutorado em Sociologia) . Rio de Janeiro: Iuperj, 1999.

MOSCOVICI, Serge. Representações Sociais: investigações em psicologia social. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

MOYSÉS, Aristides. Goiânia: Metrópole não Planejada. Goiânia: Editora da UCG, 2004.

PASTANA, Débora Regina. Cultura do medo: reflexões sobre violência criminal, controle social e cidadania no Brasil. São Paulo: Editora Método, 2003.

PORTO, Maria Stela Grossi. Violência e meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea. Sociologias [online] n.8, 2002.

_____. Mídia, segurança pública e representações sociais. Revista Tempo Social, São Paulo: USP, Departamento de Sociologia, v.21, n.2, 2009.

_____. Sociologia da Violência. Do conceito às representações. Brasília: Verbana Editora. 2010.

_____. A violência, entre práticas e representações sociais: Revista Sociedade e Estado - Volume 30 Número 1 Janeiro/Abril, 2015.

ROCHÉ, Sebastian. Le Sentiment d'insécurité. Paris: Presses Universitaires de France, 1993

_____. Insécurité et libertes, Paris, Seuil, 1994.

SOUZA, D. Apresentação. In: SOUZA, D. (Org.). Violência urbana em Goiás. Práticas e Representações. Goiânia: Cãnone Editorial, 2011. p.9-13.

SOUZA, Marcelo. Rio de Janeiro: Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana/Marcelo Lopes de Souza. - Bertrand Brasil, 2008.

SILVA, Luise Martins da. Espaço público e cidadania: usos e manifestações urbanas / Luise Martins da Silva. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2009.

SOUZA, D; RABELO, F. Vitimização e sentimento de insegurança em três municípios da região metropolitana de Goiânia. In: SOUZA, D. (Org.). Violência urbana em Goiás. Práticas e Representações. Goiânia: Cãnone Editorial, 2011. p.13-31.

WIEVIORKA, M. . Para compreender a violência: a hipótese do sujeito In: WIEVIORKA, M. Em que mundo vivemos? São Paulo, Perspectiva, 2006. p.201-22